cod. 13446

6 1-374 ac

Acto 1º
do
Othello, ou o Mauro de Veneza

Scena 1ª

Mocenigo

Illustres Senadores! terminem vossos sustos... os rebeldes tinhão levantado o seo braço contra a patria: querião fazer nadar em sangue sua mãe... mâs bastou q̃ o Leão de S. Marcos sacudisse as crinas p.ª serem aniquillados os máos filhos. O volcão revolucionario gemia na profundidade do seo abismo de trevas; mâs, agora, rompeo em rios de lava ardente, q̃, viva Deos! vierão morrer a nossos pés. A rainha do Adriatico, mais uma vêz será vencedora.

Scena 2ª

Pesaro e os mesmos

Mocenigo

Pesaro! vós aqui?! em boa hora vindes... vós, amigo d'Othelo... amigo por alma e coraçaõ... vós nos contareis os feitos da sua gloria... Como aquella grande alma pôde salvar a patria.

Pesaro

Como é bello! como é sublime contar as acções do amigo d'alma! q̃ coragem! q̃ bravura! Ah! Senhóres! se vós podesseis contemplar no árdor das batalhas, como aquelles olhos ardentes da Africa, chammejavão nas batalhas; como aquellas faces tostadas e negras se animavão pelo amor da sua patria adoptiva!.. Apenas chegarão aos ouvidos d'Othelo as primeiras vozerias das turbas, correo... vôou... com a rapidêz do relampago: levanta a vóz e o braço, aquella, p.ª convocar os filhos da patria, este, p.ª aniquillar os máos irmaõs; e o braço e a vóz salvarão a Senhora dos mares; todos voarão, após d'elle, ergu-

INCORPORAÇÃO H-1734359

lhoros e ufanos, porq̃ com elle seguião o anjo da victoria. O chefe dos rebeldes trepidou… suspendeo o combate e pretende temporisar, acolhendo-se a um porto deq̃ se apossa. Mâs debalde! nosso braço não pôde suster-se; nossa alma aspira á gloria de nossos avós. Dentro em pouco os rebeldes cahirão. Humilhados, vencidos… virão depôr a vossos pés as espadas fratrecidas. E' tempo de partir! permitti q̃ eu me ausente: como minha alma é p.ª Deos, o meu sangue é p.ª a patria… —

Scena 3.ª

— Os mesmos, menos Soraro —

Mocenigo

Senhores Nobres de Veneza! a tormenta está pendente sobre a fronte gloriosa da Republica… a nós Senadores e paes do povo incumbe fortalecer os espiritos, dos q̃ vão offerecer o seo sangue no altar da patria…

Scena 4.ª

— Os m.mos e Od'alberto (q̃ entra furioso) —

Mocenigo

Que furor é esse Od'alberto? q̃ tremor vos commove todos os membros? Tremeis pela Patria? — Gloria a Veneza! — A patria está salva, os temores inesperados, ~~mult~~ dessiparão-se como o fumo.

Od'alberto

Não! Ah! não! A Patria não me pesa n'alma… q̃ a patria tem bravos de sobejo p.ª a defender, uma dôr minha! só minha… se me enroscou na alma, como uma serpente. Minha filha…

Mocenigo

Como?

Od'alberto

A minha Edelmone… Oh! soffrimento do inferno…

Mocenigo

Morreo?! Vossos olhos derramão o pranto magoado de pae, q̃ chora as suas esperanças desfolhadas…? as vossas lagrimas cahem na urna da morte?…

Od'alberto

Oh! não! pelo inferno, não! melhor fora q̃ morresse… q̃ ainda depois da morte seria p.ª mim uma religião santa: mâs agora pela sua cegueira cegou estes olhos de pai, q̃ já mais a verão como filha

Senhores Senadores de Veneza! eu quero justiça… justiça! de quem calcou aos pés a flôr q̃ eu acalentava e creára no meo seio: justiça! p.ª um pae, cujas cans se ultrajarão! justiça! do infame, q̃ seduzio a filha d'um nobre de Veneza! —

Mocenigo

O Senado vos fará justiça, como sempre; segundo os nossos livros de leis. A espada cahirá sobre a cabeça do traidor, tão certeira, como o raio de justiça de Deos. Ninguem dirá, q̃ aquelles q̃ tem ós seos nomes, e os de seos avós no Livro d'ouro, mentirão uma vêz á sua consciencia. Direi-nos o nome do traidor. —

Scena 5.ª

— Othelo, e os Mesmos (Othelo q̃ entra bruscam.te) —

Od'alberto (mostrando Othelo

Eil-o!…

Mocenigo

Othelo! (todos fazem movim.to de surpresa) —

Od'alberto

O mesmo… sim, Othelo, aquem eu dera o santo nome d'amigo… aquem eu amara como um filho… sim… foi elle, q̃ me envenenou a alma, e matou o sentimento do coração… q̃ lançou por terra as minhas esperanças de pae… q̃ seduzio e arrastou a filha, que eu cria um anjo como sua santa mãe! Oh! q̃ trevas! q̃ escuridade eu tenho no coração! q̃ desamor tão grande! (pausa) não importa, o sangue da minha vingança ha-de lavar a nodoa, q̃ o mouro lançou nos arminhos do nobre de Veneza! (com furor) (ainda longa pausa) Ah! Snr.s Senadores! quanto custa o amor de pai… Ella está aqui… farei-a vir á minha presença; se ainda é possivel… salval-a-hei do abysmo! —

Mocenigo (p.ª Dois Officiaes)

Conduzi Etdelmone a esta salla. Jole.

Od'alberto

Doge! a justiça d'um Doge deve ser imparcial como os Decretos da Providencia e q.to couber na razão d'um homem justo! Vós, Snr., não consentireis q̃ a nobreza seja vilipendiada! essa nobreza… q̃ tem feito da Republica a senhora do mundo… e a nobreza acaba de ser offendida na pessoa d'um Senador Veneziano… Mas, vós, Snr… alem de Doge, sois pae

Vós tendes um filho, q̃ vos ama e respeita, q̃ não aprendeo a ingratidão, nem o desprezo da honra: e portanto tãobem deveis partilhar a minha offensa... O Doge e o pae lavarão estas nodoas, esta infamia q̃ mancha as cans d'Od'alberto! Castigareis o vil q̃ arrastou ao crime a filha da mª alma.. (a Othelo) E tu, ~~Vil~~ mo vil, raça indigna ~~e tu, desgraçado~~, como podeste fazer baquear um anjo no abysmo da vergonha?

Othelo

Desgraçado sou, vil não! não, vil não! q̃ a minha alma creada ao pé do Tigre aprendeo a sua robustez, mãs não a sua perversidade: vil não! q̃ as faces de Othelo nunca se tengirão das cores da infamia: vil não! q̃ nunca o peito do Africano teve um pensamento q̃ o envilecesse! Não sabeis, Snr q̃ este meo coração nasceo, creou-se, e robusteceo-se debaixo dos ardôres do Sol da Africa? não sabeis q̃ o amor é pª elle violento, como as tempestades do deserto da patria? Não sabeis, Snr, q̃ Edelmone é o anjo q̃ eu sonhei, qdo inda infante, escutava o rugir da pantéra? e q̃ vi qdo homem vigoroso e forte através do pó das batalhas, do clarão dos canhões! E chamaes-me então vil porque amei? Oh! não falleis de vergonha!.. q̃ vergonha não a ha ahi! Ella é sempre o anjo q̃ vós amaveis. Snr, não vos pese q̃ o Mouro ame a filha d'um Grande de Veneza, porq̃ o mouro póde estar tão alto, q̃ inda o grande tenha de subir mto pª ~~...~~ chegar até elle! se o meo rosto é negro, a mª alma é branca, como os raios da Lua da mª patria! Snr Doge, cumpra-se a vossa justiça: aquelle q̃ nunca tremeo diante dos inimigos de Veneza, folgará de curvar o collo diante da sua justiça: mãs, Snr., essa justiça q̃ seja bôa, o Mouro não a desdenhará: d'um lado vereis um mouro q̃ corôão ~~...~~ com os trophéos da gloria... q̃ teve uma espada para lançar sempre na balança do destino de Veneza... ...do outro, um nobre, q̃ o furôr cega, e q̃ desdenha o Africano, só pr. q̃ não tem o seo nome estampado no Livro d'ouro! Oh! Snr., eu nobre não sou... mãs vinde lêr-me no peito as cicatrizes q̃ aqui abrio a espada das batalhas! E cá vereis, se cada uma d'ellas será uma lettra, q̃ por fim signifique nobreza. Não vos esqueçaes de qm sempre se lembrou de vós, e da patria no meio do perigo... Não consin-

taes q̃ se chame vil a este homem! —

Od'alberto

Vil! mil vezes vil! q̃ te introduziste no palacio do nobre, como a serpente traiçoeira pª depois se lhe ir enroscar no coração. Sempre vil, q̃ dando-vos eu o nome d'amigo, me feriste esta alma d'um espinho pungente... me fizeste chorar sangue... e então q̃ vindes vós aqui fallar de valor?.. q̃ valor é esse q̃ vos ensina a affrontar a morte, e não vos faz calar as paixões q̃ vos envillecem?.. Snrs. nobres de Venesa! puni este crime... q̃ tãobem pode ser a vossa deshonra! vós tendes filhas... e q̃m vos diz q̃ a maldade as não roubará de vossos braços pª arrojalas no abysmo da impudicicia? quem vos diz q̃ não virá um homem falso cuspir-vos na face a deshonra e infamia? —

Mocenigo

Othelo! respondei por ventura com a mentira nos labios, a ingratidão no coração; calcaste aos pés as leis sanctas da hospitalidade?

Othelo

Snr., ouvi-me! Tranquillo no socego da mª consciencia eu vou contar-vos a historia destes amores; destes amores tristes... Od'alberto estendeo-me os braços da amisade arrojei-me a elles com a expansão d'um coração d'Africano, e lá achei um sanctuario da mais nobre mais leal affeição e amisade... Esta minha vida, q̃ tão vaxia tem sido, toda lhe desenhei com cores vivas. A minha infancia, os meus trabalhos d'homem, os meus combates, de guerreiro... tudo lhe pintei: q̃do eu contava a historia da mª vida, Eldemone ouvia a narrativa dos meus combates de morte, tremula e pallida seguia com os seus olhos vivos e ardentes os meus gestos mais ligeiros; parecendo sentir o perigo q̃ dia mto passara por mim. Ella unia ao meu sentimento o seu sentimento: as suas ás minhas lagrimas, q̃do eu descrevia as furias do Oceano, q̃ procurava absorver-me no meio das procellas... parecia q̃ Eldemone vogava no mmo baixel, q̃ eu já vogara. Quando eu contava q̃ a espada vinha quasi direita ferir o meu coração, parecia q̃ o peito d'ella ia ser atravessado... e depois... via uma vez bella como um anjo de Deus! sublime como a concepção d'um poeta! e horas... longas horas passamos juntos; eu lhe contei as dores dos meus soffrimtos, e ella chorou comigo. Quantas vezes entre

prantos ella exclamou p.ª mim: Oh! não me digaes q. os ferros ignobeis do captiveiro roxearão vossos pulsos! Oh! q.to dera eu por cingir em vosso logar a corôa de martyrio! Sim! forão estas palavras d'innocencia e d'amor, q. me levarão ao fundo do peito, a paixão em q. me abraso! foi a centelha q. accendeo o fogo q. lá povera a natureza: e depois amamo-nos com todo o vigor de mancebos, com toda a lealdade d'almas nobres. Eis Snr.s o meu crime: julgae!

Scena 6.ª

Os m.mos Edelmune, e Ermance (conduzidas pelos Officiaes q. tornão a seus logares)

Edelmune (a Ermance)

Onde estou eu?

Od'alberto (a sua filha)

Entrae; ~~seguia~~ ~~(a Ermance)~~ Oh! não quadra com a virtude um tamanho embaraço.

Edelmune

A luz dos meus olhos se escurece, sinto-me abatida no corpo e na alma!..

Od'alberto (a Erm.)

Vós Ermance, recebei os agradecim.tos do pae offendido, vós q. alimentasteis a sua infancia, vós a q.m competia vellar sobre ella, esqueceste-vos da missão de q. vos incumbira um pai cioso do seu brio; eis como cumpriste o vosso dever; eu vol-o agradeço.

Edelmune

Sustei-me chara Ermance!

Od'alberto (ap.te)

Refriemos a colera. (a Eld.) É ~~n~~ aquelle ~~o esposo~~ homem é o teu esposo?

Edelmune

~~Sim~~ meu pae, eil-o aniquillado, confundido perante vós; elle não tem o seu nome nos Livros da nossa nobreza; mâs elle tem uma alma d'anjo, tem ~~um~~ o coração d'um heroe, o braço d'um valente. Se quereis saber se elle é grande se elle é nobre, perguntae-o á gloria, q. vol-o apontará como um dos seus filhos mais do peito. Meu pai, vossa filha, a q.m destes com o vosso sangue o amor dos bravos, ama nelle o heroe q. tem salvado a patria, e q. inda ha pouco calcou aos pés a traição q. pretendia lançar-nos um jugo de ferro! Meu pae, acaso será indigno de vossa filha amar o homem, q. o povo idolatra, o Senado estima, e de q. o mundo falla? O salvador da patria! meu pae! perdão! per-

dão p.ª mim e p.ª elle; ~~p.ª mim q̃ o distinguei, p.ª elle q̃ é in-~~
~~nocente~~. Snr, consenti q̃ a vossos pés...

Od'alberto

Oh! nunca! (suspendendo-a) —

Mocenigo

Od'alberto! vós sois pae, vêde a sua dôr extrema. —

Od'alberto

Só vejo a vingança! —

Mocenigo

Que pretendeis, pois? —

Od'alberto

Que o prendão!!. —

Mocenigo

Ao libertador da patria? —

Od'alberto

Sim, ao libertador da Patria, q̃ é um infame! —

Mocenigo

O Senado julgará segundo a sua justiça, mâs nunca es-
quecerá a sua gloria! —

Od'alberto

A gloria nunca pode servir de refugio aos criminosos! —

Mocenigo

Moderae-vos, Od'alberto, resfriae essa desenfreada cholera,
bem vedes q̃ ~~estaes~~ fallaes na augusta presença do Senado,
quereis q̃ os Senadores o punão só por ordem vossa? —

Od'alberto

Eu bem sei (com ira) q̃ o interesse foi sempre q.ᵐ regeu a jus-
tiça de Veneza! —

Mocenigo

Que dizeis? ~~q̃ ouço~~? —

Od'alberto

Inda bem vi-vos todos a favor do audaz; já descubro em
vossos olhos o perdão da infamia; assim pagaes os serviços
d'Od'alberto? (baixo) Mâs elle se vingará! —

Mocenigo

Que dizeis, Snr? Não vedes q̃ insultaes o Estado?! não sa-
beis, q̃ se em toda a parte se pune o crime, em Veneza ~~um~~
~~attentado~~, uma minima affronta, é um perigo irremedia-
vel?! —

Od'alberto (p.ª sua filha)

Inda é tempo, Etelmure, inda podes apagar este fogo de
vingança q̃ me devóra! lança os olhos p.ª o fundo da m.ª
alma, e vê q̃ dores se revolvem nesse abysmo! filha,

eis aqui teo pai, teo velho pae, q̃ te ama, q̃ te acalentou no seio, e rodeou de carinhos, e has-de deixal-o assim melancolico e só! consummido de desgosto? Oh! escolhe qual de nós queres seguir? —

Edelmune

Meo pae!... (olhando p.ª Othelo) —

Od'alberto

Basta... sobre tua cabeça descubro o diadema, com q̃ elle adornou sua conquista! —

Mocenigo

Od'alberto! —

Od'alberto

Que ~~vos importa~~ tendes vós com isto? A minha causa está entre mim e o ceo... Tu, perfido q̃ me trahiste (a Othelo) serás taõbem trahido. Deos me vingará: como tu me illudiste, ella te illudirá taõbem; o teo coração viverá agitado e tempestuoso, como está agitado e tempestuoso o coração d'um pae... Oxalá q̃ caminhando na terra sobre espinhos, te vás acolher nos braços da morte mirrado pelo soffrimento! E tu cruel, q̃ nasceste do meo sangue soffrerás como elle! Deos me vingará taõ bem de ti: (p.ª Othelo) toma conta n'ella. Tu digo eu ——— o raio da desgraça apagará da sua fronte os brilhos da belleza, desfolhará as rozas da sua juventude! ~~...~~ E uma a uma virão cair aos pés do homem, q̃ ella pode ainda esquecer, como me esqueceo a mim! Adeus! (sahe) —

Edelmune

Que furor, meo Deos! —

Mocenigo

É o furor dos primeiros transportes de sua alma, é a violenta desesperação d'um pae q̃ soffre! mâs debaixo d'aquelle exterior, inda lá está um coração meigo e terno! q̃ ha-de acordar-lhe a vóz da natureza. Os vossos louros, a vossa gloria! Othelo, daõ-vos direitos sagrados, temporisai, animae Edelmune, desassombrai-a do temor, q̃ nestes máus instantes lhe acommetteo a alma!.. e depois caminhae p.ª a guerra, q̃ ella pede o vosso braço. —

Othelo

Nobre Doge! Senadores de Veneza! eu sei q̃ pela bocca de Od'alberto fallava o coração d'um pae, q̃ verte sangue! mâs Deos lhe dará o descanço; e vós e o tempo lhe fortalecereis o espirito, e adoçareis as penas! eu sou homem, e soldado! e o homem e o soldado, inda outra vêz vol-o repito, dobra o collo diante da vossa justiça, no Aduar, onde me

creei era livre e selvagem, como filho da natureza, se como filho da natureza vos fallara -- não seduzi Edelmune, não lhe prendi o coração por artificios vis! pois nunca soube o dobrar -- Deo-me Deos o coração d'um anjo, e eu guardarei esta crença no sanctuario do meo peito, indelevel, pura! eterna! como o amor da minha patria! se delinqui, perdoae-me! q não pequei eu, foi o meo fado! E' tempo de partir! Dizei-me onde quereis q vá plantar o estandarte da Rainha do Adriatico? Agora mais q nunca, quero gloria, p.r q a mesma corôa cingirá duas frontes! quero a gloria, p.r q diga o mundo, q se o braço do Africano foi valente, era p.r q os olhos d'um anjo lhe inflamarão o coração! quero a gloria, p.r q amo d'esse amor immenso de q só sabem amar os filhos da Africa. —

Doge

Seja assim; coração grande torna-te gigante! sê sempre o m.mo Othelo! e o teo nome será mais nobre, q os mais nobres do Livro d'ouro. Os laureis da tua gloria venceram o brio dos Escudos dos illustres! Deos será comtigo, mancebo! Othelo, o amor de crença viva aniquilla as grandezas sociaes! cumpre esquecer esses orgulhos fantasticos, q.do os não acompanha a virtude e a gloria! tu q combateste pelo amor da patria serás grande! não careces de pergaminhos, q sirvão da tua gloria! (Sáe co' os Senadores) —

Scena 8.a

— Othelo e Edelmune —

Edelmune

Oh! meo Deos! q soffrimento! meo pai! meo infeliz pae! já mais esquecerá esta affronta! nunca me perdoará. —

Othelo

Edelmune, anjo do meo coração! não te abandone a esperança, q é uma virtude de Deos! espera e crê no futuro... elle nos perdoará. Tu não conheces até onde chega o amor d'um pae! elle te ama m.to, flor mimosa de sua alma, e por este amor fará callar o seo orgulho! Oh! q esta tão g.de ventura me entonquece o coração... eu Othelo! teo esposo! poder-te apertar contra o meo peito palpitante de fogo e de sentimento... eu chamar-te minha e só minha?! Que ninguem saiba no mundo, q Deos ainda não abençôou nossos laços! -- q ninguem o saiba! q poderião vis-te arrebatar á m.a felicidade! E sabes tu, Edelmune, o q é viver triste, só, isolado? e chorar so-

bre crenças perdidas, tendo um tumulo no coração! e a desesperação em todos os momentos em todas as horas da vida? sabes tu, Edelmune, o q̃ é penar todos os tormentos do inferno? em cada instante q̃ eu vivesse? sabes Edelmune? pois eu q.do te perdesse soffreria m.to mais!.. E agora q̃ eu podia unir-me a ti p.a sempre, q̃ podia jurar-te á face de Deos o meo amor! p.a fazer callar os prejuisos dos homens! – agora q̃ Veneza reclama o braço d'Othelo – eu parto!.. Não acreditas Edelmune q̃ o filho d'Africa já mais te esqueçera!? –

Edelmune

Que! não hei-de acredital-o! eu te entrego toda a m.a alma e o meo coração! e tu meo Othelo, não crês tãobem q̃ o meo amor já mais se pode extinguir! Não te lembras já do anathema de meo pai? –

Othelo

Que! eu lembrar-me! já mais as sombras da duvida enlutarão a m.a alma; e se a enlutarem... gele-se o meo coração, porq̃ essa hora seria a da m.a morte. –

Edelmune

Então, Othelo, és feliz com o meo amor?

Othelo

Mil vezes, Edelmune, escutei o rugir das tempestades, q̃ revolvião as vagas do Oceano! vi no brilho dos relampagos abrir-se o már até aos abysmos, e arrojar-se ás nuvens do ceo! vi m.to perigo!.. soffri m.to trabalho, este perigo, e este trabalho soffri eu ~~afagando~~ almejando no futuro uma sancta esperança... sentei-me ás vezes nas amuradas do meo baixel escutando os canticos do már, q̃ entoava os louvores de Deos; vi a Lua pallida e silenciosa refflectir-se no espelho das aguas; vi toda essa grandeza, e a m.a alma se encheo da immensidade do pensam.to, porq̃ no meio d'essa grandeza vi sempre a imagem d'um anjo! e essa esperança, e essa imagem eras tu Edelmune; tu associada sempre nos meos pensam.tos de idealid.e! Oh! ás vezes julgo q̃ a m.a alma devora em um mom.to toda a ventura da m.a existencia! q̃ a prazeres tamanhos não dará Deos longa duração! Meo Deos! sê pai da orphã desvalida! dae-lhe ajuda, q̃ morrerá á mingua de q.m ama como anjo q̃ é.

Fim do 1.o acto

Acto 2.º

Scena 1.ª

Edelmure e Ermance

Edelmure

Eis a habitação do meu querido Othelo... e hei-de eu sentir pezar no peito...? hei-de chorar p.r q este amor não está sanctificado?.. Oh! talvêz... valha-me a Santa Virgem! q inefaveis prazeres não sentiria se podesse estreitar contra o meu peito, meu esposo e meu Pae!

Ermance

Senhora! Othelo póde levar a paz a vossa alma; elle pode junto da cruz de Deus fazer abençoar esse amor santo, q tendes no coração.

Edelmure

Sim, Ermance; Othelo quer q eu vá jurar aos pés de Jesus este puro amor, q mil vezes lhe tenho jurado no sanctuario do meu coração: elle quer q no meio do silencio da noite se estreitem estes nossos laços perante Deus. Oh! Ermance! q.to custa a esconder aquillo q eu quizera contar a todo o mundo:.. esta affeição tão nobre tão elevada ha-de esconder-se á vista dos homens?.. (pausa) Ermance, m.a 2.a mãe, tu q me encheste de carinhos, embalaste no berço, e me déste o leite da infancia... abre-me teu seio q eu quero chorar, deixa-me verter destas lagrimas negras no teu coração, p.a ver se não me pungem tanto.

Ermance

Senhora!

Edelmure

Sim, serás tu q me ajudarás a levar esta cruz: tu, q tens sido o meu anjo da guarda... e m.a unica amiga.

Ermance

Snr.a! não me falleis d'esse amor, p.r q eu fui vossa 2.a mãe... e q ha ahi de extranho n'um amor de mãe?..

Edelmure

Oh! q parece q o céo se não cança de me atormentar a alma... tinha uma ~~mãe... uma~~ santa mãe!.. ~~tinha~~ uma ~~irmã... uma~~ boa irmã!.. ~~tinha um pae~~.. um nobre pae!.. e todos ~~...~~ deixarão a triste isolada, e só, nesta terra de pesares!

Ermance

Filha, deixa repousar esses dois anjos no céo; p.a lá os quiz Deus, q não nascerão p.a a terra. Vosso pae ha-de perdoar-vos.

Edelmure

Mas esta falta q me punge tanto?!

2

21

Ermance

Deixae-a, Snrª; q ha-de cobril-a o renome d'Othelo

Edelmone

Não me falles d'Othelo, q nova dôr me dilacéra o peito... q.do eu queria vêr brilhar os seos olhos ardentes d'Africano, tel-o ao pé de mim, derramar no seo peito estes meos soffrimentos, é agora q elle ~~me foge~~ vae fugir p.ª longe...

Ermance

Deixae-o, Snrª! trará mt.º uma corôa de gloria p.ª vós e p.ª elle.

Edelmone

Quem sabe... talvêz q o valente, q assistio a cem combates, vá dormir o seo somno derradeiro... talvêz q os mares, tenhão de lhe offertar um tumulo ignoto!..

Ermance

Snrª! sempre tristes presentimtos!

Edelmone

Como não será assim, se eu amo? como não será assim, se a desventura me privou d'uma carinhosa mãe, d'uma irmã do meo coração, do amor d'um pae? mâs sobre tudo, d'uma mãe q eu amava, d'uma mãe q pelo seo carinho me havia de perdoar este amor, e mover meo pae a perdoar-me!..–

Ermance

Sim, eu o creio.

Edelmone

E então não hei-de chorar, Ermance? Oh! esta dôr, estas saudes jamais se extinguirão do meo peito!

Ermance

Snrª! eu estava longe de Venesa, junto ao leito de meo pai, q morria de soffrimtos, estava-lhe dando todos os meos carinhos, como já vos contei, Snrª, e então não pude vêr o derradro soffrimto de vossa santa mãe; contae-mo, Snrª

Edelmone

~~Não posso~~, Ermance, não queiras q eu renove esses pesares tristes. Desde a hora fatal, em q meo pai desamou a sua filha, essa hora de tristesa, essa hora em q mª mãe exalou o ultimo sopro de vida, está de contínuo diante da mª alma! Oh! eu não o posso recordar.

Ermance

A mim..? á vossa segunda mãe?..

Edelmone

Tu sabes, ~~Ermance~~, como os dias da mª ~~infancia~~ infancia se escoarão risonhos, e alegres ~~debaixo das azas~~ sob o amparo de mª mãe... tu sabes o

amor q̃ ella me tinha, como ella me estremecia... e D.s olhou d'esta minha ventura, e quiz pôr a provas o meu pobre coração!.. um dia q̃ lugubre dia! Jazendo no leito, pallida, ~~[illegible]~~ mirrada pelo soffrim.to, depois de longos mezes, sentio vir o seo extremo instante... lançou os olhos em roda do seo aposento, e lá ao fundo vio a filha da sua alma q̃ chorava rogando a D.s pela vida de sua mãe... e uma lagrima, lagrima de dôr extrema, a ultima dos pesares d'um coração de mãe, lhe escorregou pelas faces amarellecidas pela morte... lagrima q̃ resumia um pensam.to negro! q̃ ia cahir no tumulo da m.a ventura d'infancia. Soltou um brado, como um soluçar de morte... Minha filha (disse ella) vem comigo, desce ao socego do sepulchro, q̃ lá mora a paz q̃ não ha na terra; e convulsa, tremula... febricitante estendia os braços p.a mim... pensei q̃ queria acolher-me nos seus braços d'algum perigo, q̃ ameaçava a m.a existencia... meu D.s! ainda sinto esses braços convulsos, inda vejo esses olhos anuviados p.las sombras da morte... inda escuto essas fallas q̃ sahião dos labios lividos da moribunda... inda me retumba nos ouvidos esse grito extremo, q̃ d.e ella bradou expirando = triste filha, morrerás =

Ermance

Senhora! —

Edelmune

Quem sabe se estas prophecias se cumprirão?

Ermance

Que dizeis?

Edelmune

Oh! não me abandones tu ao menos sobre a terra! nem mãe, nem irmã q̃ repousão ha m.to no tumulo... nem pae q̃ se esqueceo da sua Edelmune... nem amigo, q̃ vai derramar ao longe seo sangue pela Patria... tu... só tu me restas: Oh! não me abandones, não!?..

Ermance

Snr.a! eu abandonar-vos! Vós não sabeis o q̃ é amar p.r habito e p.r sentim.to!... vós não sabeis o q̃ é ter tido, durante longas noites, durante longos dias um ente fragil, franzino, e debil no seguro de mãe; vós não sabeis, p.s q̃ se o soubesseis, não havieis de temer q̃ eu vos abandonasse. Minha filha, Deus é justo, elle ha de mover-se ás dores do vosso coração, não receeis... Othelo presta o seo braço á patria, e vai plantar na Asia a band.a de Veneza. Encherá o mundo de sua gloria, subirá tão alto, q̃ de lá verá bem pequenos os g.des q̃ o desprezão, esses nobres, q̃ sem renome, e sem gloria esquecem q̃ t.to devem a si e á Patria. Oxalá, Snr.a q̃ o Leão não castigue o orgulho de vosso pae... Snr.a, Othelo ha-de ensi

 dar-vos de gloria, e d'amor... Diz-m'o o meu peito de mãe... Snr.ª como sois a rainha das formosas, sereis a 1.ª das q̃ tem ventura.

Edelmune

Como eu me sinto feliz com as tuas palavras, m.ª mãe... q̃ prazer, e q̃ esperança me trasborda d'alma!... mas q̃ ruido é este?

Ermance

Socegae. Eu vejo. (Sae)

Scena 2.ª

Edelmune (só)

Vae amiga fiel... a tua ternura vele pela tua filha, q̃ pode soçobrar neste mar d'amarguras. Se não foras tu, q.m me ajudaria a beber este calix até ao fundo?

Scena 3.ª

Edelmune e Ermance

Ermance

Snr.ª, um jóven q̃ me é desconhecido, pretende fallar-vos. A tristeza parece consumil-o. Moço bello e pallido interessou-me pela sua dôr, Snr.ª, tende a complacencia de o escutar.

Edelmune

Diz-lhe q̃ entre. (Ermance sae)

Scena 4.ª

Edelmune (só)

~~Soffre! eu tãobem soffro; p.q q̃ não hei de escutar um infeliz?~~
Escutarei um infeliz, agora que como elle tambem soffro.

Scena 5.ª

Edelmune. Ermance e Loridan.

Ermance (conduz Loridan, e retira-se)

Edelmune

Snr.! Posto q̃ não possa penetrar o motivo q̃ vos trouxe á m.ª presença, diviso no vosso rosto os traços da desgraça, e como eu soffro tãobem, Snr., eu vos dou as boas vindas... talvez q̃ creado, como eu p.ª gozar a vida, perdeste, como eu perdi, a ventura no mundo...! Snr., as dores, q.do são as m.mas, são um nexo estreito das almas soffredoras. Se eu posso entornar algum balsamo no vosso soffrim.to, dizei-o, mancebo, q̃ o meu braço está prompto... poderei p.r ventura mudar a vossa sorte?

Loridan.

Mudal-a, não, Snr.ª! mudal-a não! onde ha lagrimas d'anjo, q̃ matem o fogo q̃ arde no fundo do peito, q̃ apaguem essas chamas, q̃ ardem violentas, p.r q̃ são concentradas!... mudal-a não! q̃ essas lagrimas não curão a morte da esperança...

Edelmune

As vossas palavras surprehendem-me!... Que quereis p.r Snr.? fallae...

Loridan

A' pouco queria estriar o meo braço contra os rebeldes, q̃ se levantavaõ a prol da traição, mâs naõ pude, q̃ os traidores caherão de joelhos diante do altar da Patria. Mâs inda é tempo, enche Veneza uma voz de guerra: aprestão-se as frotas da Republica p.ª ir conquistar novas glorias. Dizem, Snr.ª, q̃ Othelo commandará os bravos filhos da Senhora dos mares, e eu quero ir com elle: é o pensam.to q̃ desde a infancia me embalou a alma em doces visões do futuro, eu quero a guerra p.ª vêr se o seo sangue apaga este fogo do meo coração; e vós, Snr.ª, pedireis a Othelo q̃ consinta q̃ mais um mancebo o acompanhe.

Edelmune

Snr.ª, q.m vos leva a procurar os perigos? q̃ quereis vós d'elles?

Loridan

Morrer!..

Edelmune

Morrer!..

Loridan

Sim, Snr.ª, morrer; p.ª naõ penar.

Edelmune

Taõ moço, e naõ ter esperança?!

Loridan

Naõ me falleis de esperança, Snr.ª, q̃ a esperança morreo p.ª mim... será avaro só p.ª o encanecido q̃ ella morre?

Edelmune

Snr.! Oh! naõ digaes mais! q̃ m.to podia contar meo coração. Quem é q̃ naõ sabe as amarguras d'Edelmune? pobre

Loridan

Todos, todos! as conhecem

Edelmune

Por certo q̃ todos sabem a historia triste destes amores... direi-me, Snr.ª, a m.ª sorte naõ tem colhido lagrimas de benevolencia? naõ ha q.m chore a mesquinha?

Loridan

Snr.ª, todos... Quem naõ veria com pezar os soffrim.tos d'um anjo puro de belleza? mâs, Snr.ª, vosso pae cego pela sua raiva...

Edelmune

Acabae...

Loridan

Vai perder-se, e excitar a vingança do governo pela sua imprudencia.

Edelmune

Meo Deos! q̃ escuto?

Loridan.

Seos passos saõ vigiados; irado por natureza, talvez neste momento corra á morte.

Edelmune

A' morte? á morte? Snr.ª ah! meo pae, pae da m.ª alma... vós Snr.! vós conheceis as leis do sangue de Venera... sabeis como é agudo o punhal do bravo... como é a justiça do Conselho dos Dez. Se é possivel salval-o... o homem forte q̃ lhe podia prestar seo braço está longe, está talvez m.to longe... e eu sou uma pobre mulher fraca e desvalida;.. q.m me ajudará na terra? Snr., vós.. ~~todos~~ q̃ me ajudeis-me a p.ª salvar meo pai. Snr., se tendes piedade d'uma infeliz, salvai a vida de meo pai, p.q̃ salvaes a minha ~~fallae~~... correi... voae... talvêz inda seja tempo... olhae p.ª estas lagrimas, q̃ verte o meo coração. Snr., eu caio a vossos pés. (vai Deitar-se-lhe aos pés, e elle a sustem)

Loridan

Quem? vós? Snr.ª? vós a meos pés? Porq̃ eu sinta vossos pesares, é mister q̃ derrameis lagrimas, q̃ ajoelheis diante de mim? Oh! não! aqui tendes o meo braço, a m.ª vida, q̃ vida e braço darei eu p.ª vos servir. Inda ha pouco derramara eu todo meo sangue, inda ha pouco, morrendo, seria feliz, mâs agora! agora não, q̃ esta vida e este sangue todo quero p.ª vós. Voarei ao pé do vosso pae, prestar-lhe-hei todos os serviços, q̃ pode um homem prestar-lhe, e pode ser q̃ o futuro inda se mostre alegre e risonho p.ª mim. Adeus, Snr.ª! o futuro... o futuro...

Scena 6.ª

Os m.mos, Othelo e Peraro

Loridan

Logo tornarei a ver-vos neste logar

Edelmune

Snr., eu vos peço...

Loridan

Adeos, Snr.ª. (sae)

Edelmune

Adeus. (sáe)

Scena 7.ª

Othelo e Peraro (q̃ virão os 2 q̃ se retirarão)

Othelo

Quem é?

Peraro

Mal pude ver-lhe o rosto; mâs pareceo-me moço.

Othelo (cap.te)

Oh! ceos! Quem ousou introduzir-se aqui? Falla, Peraro!

Peraro

Nada sei

Othelo

Mâs dize-me, não viste impressos no seo semblante de mancebo os 7
reflexos d'uma dôr intima? Não viste q̃ elle chorava?

Pezaro

Podes sabel-o em pouco. Eu chamo Edelmuna.

Othelo

Oh! não: q̃ pode receiar o meo amor d'esse pranto q̃ lhe regava as faces? Essa mulher, q̃ fiz o meo Deos na terra, não tem peito q̃ se dobre á traição, porq̃ elle é nobre, é puro como o das filhas da minha Patria. Nada lhe perguntarei. Não posso duvidar d'ella. Amigo, eu nasci nos desertos da Africa, aspirando os ares da Liberdade, cresci, vigorei, e a m.ª alma cada vêz se tornou m.s forte, e m.s livre; Como eu folgava de ir sentar-me sobre um rochedo escutando o rugir do vento nas vastas campinas d'arêa. Como eu folgava de vêr a aguia levantar-se até aos Astros cortando as nuvens do ceo... q̃ prazer não sentia vendo o Sol ardente da m.ª Patria molhar as madeixas de fogo nas aguas do Oceano!... e sabes, Pezaro p.q̃ a m.ª alma se extasiava diante d'essas scenas da natureza, é p.q̃ todas ellas erão g.des como grandeza magestosa, q̃ eu sonhava na m.ª alma, é p.q̃ eu nasci com o instincto da gloria, e da grandeza. Depois... levantei o meo braço e caminhei p.ª os campos da batalha, e a gloria acolheo-me em seos braços, como um filho querido, e o mundo fallou de mim. Não crião Pezaro q̃ houvesse p.ª mim outra paixão nem outro sentim.to; mâs dep.s vi a filha d'Od'alberto rodeada d'aquelles véos de innocencia, d'aquelle mysterio de bellesa q̃ a torna um mytho como a Rainha das tradições da m.ª patria. Vi-a, Pezaro, e amei-a, e até, meo Deos! lhe sacrifiquei a gloria. Agora, Pezaro, novos perigos me chamão — Porventura esse velho orgulhoso, se eu colher novos louros, não cederá ainda? perdoará

Pezaro

Não te lisongêe essa esperança. Eu conheço melhor do q̃ tu esses nobres q̃ nos desprezão, q̃ só desejão calcar-nos — Vê como elles tem calcado aos pés a causa da Liberdade! como elles conservão tenazm.te as redeas do Poder. O povo exalta tuas virtudes; mâs tu, Othelo não és mais q̃ um soldado feliz de fortuna.

Othelo

Sim, um Soldado feliz, como dizem os nobres na sua insolencia. mâs isto, Pezaro, é toda a m.ª gloria. O soldado pela força do seo braço tornou-se g.de defendendo a Patria dos q̃ querem despil-o do seo premio de nobreza. Como a nossa sorte é differente! Elles contão a voz q̃ lhe derão nomes, se lhe faltassem q̃ seria? Eu, prole do deserto árido, filho da natureza, eu, q̃ tudo devo a mim mesmo e nada aos vis prestigios, singello sem remorso, e sem receio, caminho e comigo vai a força e a liberd.e

~~Pezaro~~

8 Pesaro! Tenho mil vezes visto o coração d'Od'alberto mover-se á piedade... Talvez, q dos seos olhos cáia a venda q lhos obsèca...

Pesaro

Como te illudes! Odalberto não consentirá jamais......
~~Nunca o esperes. Od'alberto nunca quererá unir-te~~

Othelo

Pesaro, os momentos são preciosos... Daqui a pouco Edelmune, jurar-me-ha perante Deos o seo amor eterno; mas estas iras do pae entristecem-me a alma. Pobre velho! fui-lhe calcar aos pés as suas crenças mais sanctas... encher-lhe a alma de pezares: e talvez perdel-o... Em Veneza o Governo, esse governo de mysterio e sombras, q quando parece dormitar, tem olhos pª a vigia, como argos. Seo punhal na escuridão da noite á claridade do dia vôa ao coração do culpado pª ahi apagar um pensamento, q apenas acabava de nascer! As suas marmorras fetidas, tenebrosas abafão os gemidos dos q ahi penão tormentos do inferno.— Aqui, Pesaro, uma vista, uma palavra é um crime de traição alta, de morte impenitente— Quando o homem menos o pensa, tem uma espada a atravessar-lhe o peito, e o seo cadaver a vogar nos canaes de Veneza. Aqui a força é a justiça, e a justiça é o punhal... e então, Pesaro, não hei-de tremer q. Od'alberto?!

Pesaro

Inda tens outro perigo a temer, Othelo... não sabes q o amor aqui vive ao pé do sangue? não sabes q elle é aqui tão traiçoeiro como os homens, tão tenebroso, como a justiça dos Trez— Othelo vôa, corre— q Edelmune, ligada a ti por laços indissoluveis não tema deixar-te já mais.

Othelo

Amigo, de fé verdadeira, presta-me ajuda, q esta tamanha felicidade me enfraquece, e intibia a alma. Vem comigo, Deos e tu amigo do meo coração, sede as testemunhas da mª ventura: e depois pª a guerra, pª a guerra, lá... no meio do combate, nós ambos sempre juntos!.. q gloria, q gloria!

COD.I.3,4,6

Fim do 2º Acto

BIBLIOTECA NACIONAL

CoD. 13446

Acto 3º

COMPRA

H - 173435b

BIBLIOTECA NACIONAL

COD. 13446

Acto 3º

Scena 1ª

Edelmune e Ermance

Ermance

Sim, mª filha, devemos esconder-nos a todas as vistas, qdº voltar esse mancebo, eu o trarei á vossa prezença; mâs sempre q̃ Othelo o não veja.

Edelmune

Que o não veja? Para q̃ fim?

Ermance

Srª, vós bem sabeis, q̃ qto um coração mais inflamado está de amor, mais estremece a pessoa, q̃ estima; pº q̃ as paixoes sempre forão egoistas e exclusivas. Ouvi os conselhos da vossa segunda mãe... q̃ a cautella nunca pode peiorar os vossos soffrimtos.

Edelmune

Sim tu és a mª segunda mãe... Tu deves vigiar pela tua filha. Amiga, entrego-me nos teus braços; tem dó da orphã, q̃ tem soffrido tanto. Mâs, Ermance, onde estará meo pobre pai? Porventura caminhando ao cadafalso neste momto! Porventura soffre tormentos e tortura!.. Serei eu sempre q̃ lhe causarei a morte?

Ermance

Srª, eu vou sabel-o dos nossos amigos. E qualquer q̃ seja a sua sorte, eu vol-a contarei. Eu parto e volto já.

Scena 2ª

Edelmune (só)

Que nuvens negras me inundão a alma de escuridl. e treva... Debalde procuro o meo valor, mª coragem, não a encontro neste coração espesinhado pelo soffrimto. Oh! meo Deos! q̃ dia este, q̃ tão negro é!.. Sempre presentimtos de tristeza! Sempre terrores convulsivos... Um passo ligeiro, um ruido tenue me faz estremecer o coração, enegrecer a alma: parece q̃ uma tempestade terrivel está pendte sobre a mª cabeça, q̃ se aglomera, augmenta, e se approxima pª se despenhar... (pausa) Oh! meo pai, meo pobre pai! Como passarão ledos e socegados os dias da mª infancia no teu regaço! Com q̃ amor tu me amavas! E agora... a ingrata vai talvêz causar-te a morte! pagar-te os carinhos q̃ lhe deste, com o cutello do algoz... Oxalá q̃ eu possa levantar-te do abysmo onde te arrojei! Sinto passos! quem será?!

Scena 3ª

— A m.ma — Ermance, e Loridan. —

Edelmune (vendo vir ao longe Loridan)

É O joven desconhecido: ao menos elle no meio da desgraça, q̃ o persegue, talvêz não tenha dado causa ás desgraças de seo pai. Mâs eu... Ai! (vendo Loridan) Snr.ª vós não podereis acalmar os sustos, a dôr, q̃ me punge? Direi, direi, q̃ é feito de meo pai?

Loridan.

~~Snr.ª~~, dizem q̃ foi longe da Patria buscar um asylo seguro contra o punhal da justiça de Venera; q̃, cego pela sua ira, ultrajára a magestade do Senado; mal dispera a Republica, e q̃ em fim, q̃ horror! se bandeára com vossos inimigos p.ª se vingar.

— Edelmune. (com sobrera e altivêz) —

Não, Snr.; ~~meu pai, sim, mâs~~ mau Cidadão, inimigo da sua Patria, traidor a ella, oh! isso nunca! Meos avós, q̃ milvezes ensinarão a fallar o mundo da gloria de Venera, nunca augmentarão o numero dos traidores. Snr., o neto de 20 Doges de Veneza não ha-de querer manchar-lhes os arminhos... eu m.ma me envergonharia de ser sua filha.

Loridan

~~Snr.ª, sim.~~ Como vós eu penso; talvêz sejão rumores vagos, q̃ nada tenhão de verdadeiros; mentirão-me, eu o creio. Fallemos d'outra coisa... fallemos da vossa felicidade... o coração de vosso pae ha-de esquecer essas iras funestas. Porventura poderia elle escutar impassivel vosso pranto, vossos suspiros? vêr o lume d'esses ~~dois~~ olhos, ~~q̃ são dois lumes da~~ onde se lê tanta ternura, e amor filial? Snr.ª, em pouco a paz volverá p.ª o vosso coração; ~~vossas~~ essas lagrimas cessarão de cahir, e Deos virá abençoar o vosso amôr ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ p.ª Othelo; porem eu, melancolico... desesperado... só no mundo verei esvaecerem-se os dias da m.ª vida, monotonos, e tristes, contando p.r cada instante mil soffrim.tos Oh! Snr.ª, eu quero a morte, p.r q̃ a morte é a minha unica esperança. Direi-me, Snr.ª alcançaste d'Othelo o q̃ vos pedi? Posso voar aos combates?

Edelmune

~~Snr.~~, Eu ia a cumprir o q̃ vos prometti, mâs ~~vós~~ bem sabeis q̃ Othelo ama... E vós sois joven... correis ao martyrio da dôr... buscaes a morte, e tudo isto póde mover interesse no coração d'uma mulher, e m.to mais accender ciumes no coração d'um homem. E depois, as fallas morrerão-me á flôr dos labios, não pude pedir. Mâs, Snr., q̃ intento é esse?

Loridan

Ai de mim! mais q̃ nunca se arreiga no fundo de m.ª alma...

Edelmune

Vós ainda tendes pae?

Loridan

~~Snr.ª~~, sim. Snr.

Edelmune

E p.^a q̃ causaes vós a sua desgraça?

Loridan

~~Vós~~ Snr.^a, perguntae-o ao meo destino, perguntae-o a Deos.

Edelmune

Oh! Snr, não dezampareis a sua velhice...

Loridan

Snr.^a, eu não tenho asilo no mundo... Outr'ora sim, outr'ora era eu feliz...

Edelmune

Snr, vós soffreis... tãobem eu soffro... vertei os vossos prantos no meo coração... Que posição occupaes na Socied.^e; qual é o vosso nome?

Loridan

~~Nunca!~~ Oh! nunca Ⓛ o sabereis

Edelmune

Dizei-o, qual foi o vosso nascim.^to, onde educou o vosso pae a vossa infancia?

Loridan

Um estrangeiro teve este cuidado.

Edelmune

Um estrangeiro?!

Loridan

~~Vós~~ Bem sabeis, Snr.^a, q̃ o punhal e a noite são os instrum.^tes da vingança em Veneza... meo pai temia pela m.^a vida... receava q̃ um assassino calcasse aos pés a flor minoria, q̃ rodeara de carinhos e amor. Vós sabeis, Snr.^a, como são cruentas as nossas guerras civis. Fui p.^a longe, um velho virtuoso me educou na probidade e na honra: moderou as paixões q̃ pullulavão no meo coração de mancebo: ensinou-me ~~[illegible]~~ o amor de D.^s Assim vivia eu q.^do as victorias do g.^de Othelo chegarão a meos ouvidos: inflamava-se meo peito no ardor das cousas sublimes... Q.^tas vezes fui sentar-me na praia d'essa terra estranha e cravei os olhos com avidêz nos horisontes, q̃ me encubrião Veneza! Que scenas grandiosas passavão diante de m.^as vistas! Aqui via as turbas, remoinhando nas praças, levantarem mil vozes de gloria ao heróe guerreiro; alli mil arcos triumphaes, engrinaldados de estandartes e despojos dos vencidos testemunhavão ao mundo a grandeza de suas acções. Não pude conter-me, voei a Veneza, e ahi encontrei a realid.^e de todos os meos sonhos. Snr.^a, q̃ alma se não ~~[illegible]~~ exalta vendo esse Senado augusto, q̃ tem a cumprir uma tão g.^de missão! Que templos, q̃ palacios, q̃ praças, q̃ gondolas, q̃ cantivos de saud.^e e d'amor ao pallido clarão da Lua!... E Othelo... acima de tudo isto esforçado, g.^de, e sublime

e ao m.^{mo} tempo q̃ modesto, grave, e simples!.. Snr.ª! ao vêr tal quadro, á m.ª alma sentia as aspirações da grandeza; dilatou-se pelo infinito desta magestade. Aqui, Snr.ª, é q̃ começa a historia do meo soffrim.^{to}, f.º q̃ foi então q̃ meos olhos virão... Ah! meo Deos!.. virão um Ente... uma mulher, um anjo!... Mulher não era ella, q̃ julgo manchal-a ao dar-lhe tal nome! era um anjo puro como o primeiro q̃ sahio das mãos do Creador, sublime como a feitura m.^{s} perfeita das mãos de Deos; ideal como os sonhos vagos d'uma mente delirante... e esse anjo, Snr.ª, tomei eu como norte nas sendas q̃ eu abria p.ª o meo porvir:– atirei-lhe aos pés com toda a m.ª ventura deste mundo, esperando q̃ ella lhe ~~atirasse~~ lançasse ~~por~~ ao menos ~~seos~~ olhos de piedade. Que vigilias [illegible] ... Q.^{tas} vezes nas faldas do Apennino melancholico, cuja fresca brisa em vão agitava os meus cabellos, com esta fronte escaldada e o coração ardente eu procurava fugir á imagem que me torturava a alma e os sentidos, e que se tornára para mim um martyrio, porque ao pé dessa mulher não podia nascer a esperança!... Debalde: eu a encontrava por toda a parte, na caverna selvagem, no seio dos desertos, á borda da torrente onde meus olhos a contemplavão chorando. Ai de mim! mas essa mulher pertencia a outro; o ciume roia-me o coração, derramava em m.ª alma tormentos infinitos. Ah! snr.ª, e quereis saber quem era essa mulher?

Edelmuna

Snr.ª!

Soridan

Sois vós!

Edelmuna

~~Snr.~~ Ousaes fallar-me d'essa arte? Por ventura a m.ª desgraça abrio caminho a tal ultrage? Porq̃ a infeliz está abatida e triste, pensaes q̃ perdeo o amor da virtude?! Lembrae-vos, Snr., q̃ q.^{m} ama Othelo, já mais será capaz d'amar outro homem, porq̃ todos os homens apenas se tornão visiveis q.^{do} se collocão ao pé do Affricano. Demais, Snr., lembrae-vos do logar, onde estaes, lembrae-vos di q.^{m} eu sou; e lembrae-vos ainda q̃ já m.^{s} esquecerei os ~~tristes~~.

Soridan

Snr.ª, vossa cholera..

Scena 5.ª

Os m.^{mos} e Odalberto

Soridan (logo q̃ vê Odalberto, retira-se ao fundo do theatro) Odalberto!.. Escutemos.

Edelmuna

Que vejo! meo pai, sois vós? Ceos! q̃ pallidez medonha estampou em vosso rosto a desgraça, e o soffrimento!

Od'alberto

Que te importão estes meos soffrim.tos, se tu foste a sua origem? q direito tens tu de chamar pae, áquelle, cujo sangue renegaste? inda é tempo de te levantar d'esse charco de vergonha... eu bem já sei q nenhuns laços indissoluveis te ligão a esse homem... filha! se a vós d'um pae, q está á borda do sepulchro, d'um pae q sempre te amou do fundo do coração, póde achar écho em teo coração... vem comigo, lava essa nodóa de q te cubriste, e com q deshonraste as minhas cans. Vem...

Edelmune

Mâs, meo pae, não serei eu traidora duas vezes? não sabeis como este dia foi tumultuoso?

Od'alberto

Filha, não te importem as vozes do mundo: Veneza olha-te com pied.e, e não com horror... todos nos lamentão, e chorão, e ninguem te condamna. E eu! filha, eu! sinto cada vez m.s diminuida esta raiva, q me devorava, p.r q vejo nos teos olhos innocentes e limpidos, os olhos de tua mãe; vejo no teo rosto puro e virginal, o semblante de tua irmã... Oh! morte! morte! p.r q não encerraste no m.mo sepulchro, junto da mãe e da filha, o pai tãobem?...

Edelmune

Meo pai!...

Od'alberto

Teo pai, sim... olha-me p.r estes olhos, e vê estas lagrimas, e dir-me-has dep.s se ellas não são de pae... de pai, q te ama, q te encheo de carinhos, e d'amor nos dias da tua infancia, e q te adorou com loucura nos dias da tua mocid.e M.tas vezes tive na m.a mão os destinos da Patria, m.tas vezes do meo braço dependeo a victoria, q havia de salvar a Republica; m.tas vezes, m.tos pensam.tos oscillarão na m.a cabeça... mâs a par de tudo vinha sempre uma porção d'amor, um sentim.to p.r dar, do meio das cousas g.des, a ti, filha do meo coração, e tua mae esposa da m.a alma... e tu, como pagas, ingrata, esta affeição tamanha? filha! (com firmeza) ainda é tempo, te repito eu, lembra-te q vinte Doges, q tu contas p.r avós, te renegarião de netta, indo unir o teo sangue nobre ao sangue negro: parece q os vejo levantarem-se do sepulchro, bradando com aquellas vozes roucas, q commandavão os Exercitos da Republica = "Filha, não te lembras q fomos nós, q ensinámos a esta terra a ser livre e g.de, q fomos nós q chamámos á liberd.e os povos do Universo, q Roma cahio? e tu, netta desnaturada, queres deshonrar-nos? ="

Edelmune

Ceos!

Od'alberto

Filha! saiâmos d'aqui... eu te darei um mancebo digno de ti e de mim... eu tenho meos intentos. Saiâmos.

Edelmune

Não posso, Snr, não posso. Othelo morreria de pesar...

Od'alberto

E' p.r elle, q. vertes essas vergonhosas lagrimas?

Edelmune

Não lhe chameis vergonhosas, Snr, q. ellas vem do fundo d'um coração q. ama, com innocencia e puresa... e o amor puro e innocente, já m.s foi crime... e se algum crime ha ahi, é todo meo, não d'elle q. não pensou... eu fui a q. lhe fascinei os olhos, e embriaguei a alma... eu me insinuei no seo coração... Snr, elle era vencedor! era um heróe! e de mais a mais era vosso amigo.

Od'alberto

E' isso m.mo o q. exaspera, o q. irrita o meo furor... o homem q. eu acolhia como filho, o homem, q. eu honrava, como irmão, é o q. vem ferir-me na p.te m.s sensivel da alma... louco! q. pensa impôr-me um hymineu detestado... Oh! eu o juro, nunca o conseguirá!...

Edelmune

Meo pai!...

Od'alberto

Basta... ~~os meos conselhos~~ A m.a resolução está tomada...

Edelmune

Pensae...

Od'alberto

Ainda te atreves a defender o infame?... Oh! não me falles d'esse homem, q. o seo nome entorna-me no peito torrentes de fel... faz enlouquecer esta m.a rasão... é tempo d'acabar. (apresenta-lhe um papel) ~~Firma este escripto~~ Assigna este papel

Edelmune

~~Que intentaes?~~ Q.l é o vosso intento?

Od'alberto

~~Firma o já~~ Assigna-o já, quero-o, ordena o teo pai: ou se não, como assassinaste a alma, assassinarás o corpo de teo pai... assigna-o, ou aliás traspassarei o meo peito com este ferro!

Edelmune

Que devo fazer, ó meo Deos? (pega no papel, assigna-o e lh'o entrega)

Od'alberto

~~Estou contente~~ Agora sim. Tu, m.a filha, vaes ser o apoio da m.a velhice... o esteio da m.a fraquesa de velho... a honra das m.as cãas. Minha Edelmune, o Ceo te dará em premio um mancebo, um heróe, cujos dias puros forão educados longe do crime; já m.s o sopro do vicio tocou um de seos encantos... e sabes q.m é esse mancebo?

é Loridan, filho do Doge, digno d'unir seo sangue á netta de Doges.

Edelmune

Que dizeis, meo pai? elle ama-me p. ventura?

Loridan (saindo d'onde estava occulto)

Snr.ª, ama-vos, adora-vos, é extrema a paixão, q. vos dedica... eu o juro p. Deos, por vós, pelo meo coração... o seo amor é ardente, a sua constancia é infenita... esse filho do Doge, esse Loridan, sou eu...

Od'alberto (olhando-o)

Sim; é elle mesmo.

Edelmune

Que vejo! quem, Snr.?!

Od'alberto (a Loridan)

Pois bem, se acaso o teo valor, a tua affeição iguala o teo sangue, esta dona, é tua.

Loridan

~~Oh! Deos!~~

Edelmune

~~Snr.ª vos vos ateis......~~

Od'alberto

Não escutes esses prantos de mulher fraca; une a tua mão á della, tu és meo filho. (mette a mão de Loridan na della)

Loridan

Meo D.! q. pallidêz da morte sobre o seo rosto! como ella estremece! Snr., eu não posso...

Od'alberto

Tãobem tremes, Loridan?

Edelmune

Ai! de mim não sabe elle, q. eu já dei o meo coração?

Od'alberto

E p. ventura podia tu dispôr de tua fé sem me consultar? O teo sangue, o teo destino, não será meo? não sou eu o teo superior na terra, abaixo de Deus?

Edelmune

Ah! meo pai, meo pai! e q. resta á natureza? ~~e natureza q. e então~~?

Od'alberto (pondo a mão sobre o coração)

Ah! pobre coração de pae, pobre coração de pai!...

Edelmune

Que devo eu fazer pois?

Od'alberto

O que te ordeno.
~~Fazer o q. te mando.~~

Edelmune

Todo o meu coração se revolta. Othelo! Oh! já mais...

Odalberto

Escolhe, ingrata!

Edelmune

Meu pai!...

Odalberto

Acaba...

Edelmune

Oh! Deus! meu sangue todo é vosso... mâs o meu coração é d'Othelo

Odalberto

Estou livre... acabou-se a ultima esperança, q̃ tinha o pobre velho! já não tenho familia: q̃do eu pensava achar uma ~~filha~~, encontrei uma ingrata, q̃ me enche de vergonha as faces. Guarda ~~[illegible]~~ ~~o teu escripto~~, q̃ eu ficarei com a m.ᵗᵃ raiva! ~~[illegible]~~ Ama e adora esse infame, q̃ eu aborreço. Ama, e idolatra, q̃ o abysmo se abrirá debaixo de teus pés! Vai... corre... vôa... não temas a m.ᵗᵃ cholera; segue o teu indigno esposo ao fim do Universo; ~~abraça-te a esse homem... q̃ melhor fora abraçar-te ao tigre~~... Por elle esqueceste a Patria, a honra, o dever, a natureza; ~~pois bem elle~~ te pagará o sacrificio; ~~tu~~ tu apreciarás devidamente. Ora pois, esse tigre africano que deixo em teus braços. (sae)

Scena 6.ª

Edelmune e Loridan

Edelmune (lê tremendo o papel, q̃ seu pai lhe deo) Elle me foge...

Loridan

Snr.ª, não vos pese na alma aquella raiva, q̃ Deus não cumprirá o anathema...

Edelmune

Que verão meus tristes olhos?...

Scena 7.ª

Edelmune - Loridan - e Ermance

Ermance

Os dias de vosso pae estão expostos ao m.ᵗᵒ imminente perigo; antes de vir ver-vos, o seu furor indomito tinha desafiado nossas Leis, q̃ jurão vingar-se! Oxalá q̃ elle possa escapar ao seu rigor. O Velho, terá de fugir p.ª longe, e de ir soffrer a indigencia do exilio. Não sei qual é seu crime, mâs o Senado confiscou-lhe os bens, deu anathema dos honras, e até se receia q̃ o Conselho dos Déz peça a sua cabeça. Quereis, Snr.ª, abandonal-o hoje ao ferro das Leis?

Edelmune

O ceo me inspira. Um pae q̃ tanto vos adora, é o unico q̃ ~~pode~~ salvar os dias do meu: O Doge ama ~~Loridan~~ vos, e ha-de desejar

de cumprir os vossos desejos. Ah! se ambos conformes nessa idéa, q elle 9
tanto requer de mim... Ceos! q lance! entre Othelo e meu pae... qual
delles devo escolher? Snr, se este papel, q vos entregar-vos
poder mover d'alguma maneira a vontade de vosso pae... Se este
subterfugio, deq de certo elle tem de desgostar-se, poder mover-o
á salvação de Adalberto... Oh! Snr! promettei-lhe tudo... A m.a
mão, o meu amor p.r vós; bem sei, Snr, q é um engano, q vou
mentir-lhe, p.r q este coração já n.o pode ser d'outro q não seja d'Othelo:
mas p.r ventura será permittido um engano innocente p.a
a salvação de meu pai? Snr! lamento o vosso amor, conheço
as vossas virtudes, porem não posso amar outro. Entrego á vossa
generosid.e este papel, q importa m.to q a m.a existencia, p.r q
n'elle se encerra todo o meu futuro. Vós correreis a servir-me, q a
vos...

Mas no entretanto, sr., meu pay
vai talvez soffrer privações (oh! meu D.s!)... Levai pois este diadema: o-
xalá que eu lhe podesse ajunctar todo o oiro da Asia e Africa; podesse eu
cubri-lo de lagrimas que se transformassem em brilhantes: não ha thesoiro
no mundo que eu não déra p.a o salvar. Oh! sr., se a vossa alma
é capaz de um sacrificio sem remuneração, correi; que a vossa recompen
sa será a propria generosid.e; voae ao soccorro de meu velho pay.

Soriolan

Eu vou cumprir as vossas ordens: salvarei vosso pai; mas, Snr.a, não
penseis, q eu tenho coração p.a vos perder assim... escutae-me... ou-
vireis o meu juram.to... Juro-vos p.la m.a alma, á fé de Nobre de
Veneza, q se vos unirdes a q.q.r homem, eu não conterei a m.a
furia, irei arrebatar-vos ao proprio altar... desculpae estes m.ta
raiva, q ella nasce do m.to amor q vos tenho... bem sei q vou per-
der-vos; mas inda assim não ~~trepidarei~~ hesitarei no cumprim.to das vos-
sas ordens, Snr.a... As vezes sinto perturbar-se-me a mente... bater-
me o coração com violencia... ás vezes, pensam.tos negros me passão
pela fronte... vós... pertencerdes a outro!.. vós! rosa pura e bella,
~~q abris as petallas mimosas ao raios do~~ Sol, ter-de-vos desfolhar
ao sopro pestilento d'um filho d'Africa!.. q deves per.l. q rai-
va!.. Oh! meu Deos! eu ~~vou~~ perco a m.a alma, tende dó de mim...
~~Adeos, Snr.a~~ ficae-vos em boa paz, q eu vos prometto cumprir
talvez os vossos mandados... onde tenho eu coração p.a me fazer
callar estes ciumes? (Sae) Adeos, Snr.a: nada vos prometto. Tomei tudo de
um coração q já não pode
resp... q. sei. (sae)

Scena 8.a

Edelmanne e Ermanel

Edelmanne

Oh! meu Deos! q cada vez se torna mais negra esta m.a sorte!

este ciume cada vez me faz tremer mais... q vistas elle lançou sobre mim q^do partio... Oxalá q Othelo demore este hymeneu, q tão funesto póde ser á vida de meo pai.

Scena 9ª

Edelmune, Ermance e Othelo

Othelo

~~Vae se cumprir o nosso destino~~ Vem, Edelmuna, ~~é tempo de partir~~ o altar está ~~prompto~~, preparado.

Edelmune

Ah! demorae-vos... se meo pai...

Othelo

~~Deo-vos a liberdade, Snrª, vinde~~ Elle te ha tornado livre.

Edelmune

Porventura o mysterio, as sombras não devem occultar a ceremonia augusta?

Othelo

~~Pesaro, tudo fará bem, Snrª~~ Pesaro preveniu tudo.

Edelmune

Lembrae-vos, Othelo, q elle póde ter-se enganado!

Othelo

~~É um prodigio~~ [illegible] Conheço a prudencia de seus vigilantes cuidados.

Edelmune

Snrª! ~~ouvi-me~~, demorae, deferi um dia som^te!..

Othelo

~~Vós me fazeis espantar! vinde~~ Vem.

Edelmune

~~Oh! Ceos~~! Um dia, um dia só, Snr!

Othelo (ap^te) Não: eu morro se não

Ó Pesaro, ~~Pesaro! (alto) Não, não, Snrª, ha de cumprir-se a nossa sorte~~ consigo unir-te a mim já com um laço indissoluvel

ap^te (Oh! meu Deos) alto.

Edelmune

~~Pela Santa Virgem~~! Um dia só...

Ermancea (baixo a Edelmune)

Cedei: Não insistaes.

Edelmune

Ah! ~~Ceo~~! a ti me entrego. ~~eu me entrego martyr mais~~!

Fim do 3º Acto

Acto 2º

Anton

A. A.

Acto 4.º

Scena 1.ª

Othelo e Pezaro

Othelo

Ah! Pezaro! q.do eu subia as escadas do santo altar, as escadas, q̃ me conduziaõ á felicidade... vem um rival... um maldito... arrojar-se como uma barreira de bronze, entre mim e a realid.e dos meus sonhos...! Imprudente! q̃ não vio q̃ podia esmagar-lhe a cabeça contra as lages do pavim.to, como se fora um verme... Miseravel! q̃ pensava d'um sopro apagar toda esta ventura... Imbecil! q̃ imaginou, q̃ o Mauro deixaria calcar aos pés as suas crenças, ludibriar o seo amor, rir da sua necessidade, e lá se ficaria quieto e manso, como se fora um infante...

frases

Pezaro

Ah! ah! ah! (ri-se) Othelo... socega a tua alma... Edelmeure está ao pé de ti... Esse teo amor tão nobre, já foi abençoado p.r Deos no Ceo... Espera; elle o abençoará na terra.

Othelo

Quererem roubar-ma!.. (como fallando p.a si) Do Templo do Senhor! Oh! p.q q̃ não lhe arranquei a mascara, q̃ lhe cobria o rosto ignobil, p.a lhe afrontar as faces, como a um indigno; Oh! se ao menos o conhecesse...

horrivel

Pezaro

Amigo! lembra-te q̃ estamos em Veneza...

Othelo

Seria Odalberto...?! Eu!.. Pezaro, não pude no meio daquelle tumulto... daquelle desespero... conhecer o vil, q̃ essa tenue mascara velava: mas... tu, Pezaro, q̃ viste tranquillo aquella scena horrivel... pensas p.r ventura, q̃ era o joven desconhecido, q̃ aqui tem vindo ás occultas?..

Pezaro

amigo
do

O Templo estava escuro, e sombrio: apenas uma luz frouxa, e agonizante derramou em torno, como viste, uns languidos brilhos... de sorte não pude conhecer-lhe as feições... mas dep.s ~~recrescendo o tumulto~~ recrescendo a confusão..., pareceo-me descubrir, n'um mom.to em q̃ a mascara se levantou, o gesto d'um mancebo, q̃ furioso! desesperado! terrivel queria alcançar a sua amante ou a morte... Othelo! olhei rapidam.te p.a elle, mas as suas feições, bem impressas me ficarão... p.r q̃ tu, amigo, tinhas a vingar uma injuria... Se elle apparecer diante de mim, hei-de conhecel-o.

Othelo (como absorvido em pensam.tos)

Pezaro! tranquillo n'alma! daquella tranquillidade q̃ eu tinha, q.do o sangue da peleja me acoutava as faces, q.do o estrondo e os ais dos moribundos me retumbavaõ nos ouvidos... tranquillo daquella tranquillid.e

2

q̃ Deos pôz no coração do homem bravo, como penhor da sua grandeza no porvir.. tranquillo daquella tranquillid.e, q̃ o mar ostenta dep.s q̃ as tempestades passarão p.r lá, dep.s q̃ os ventos gastarão toda a sua violencia... Sim... eu te vou fallar dest'arte... Ha mom.tos, em q̃ a alma se cança d'esperar, e crêr, e se eleva, p.r isso, acima de todo o egoismo das paixões da terra, e esses mom.tos q̃ encerrão todo o futuro d'um homem... são a sentença das suas dores no mundo, escripta com o sangue do seo coração. Eu, Pesaro, fui soldado... e bem sei q̃ o fogo das pelejas me crestou estas faces pelo Sol da Africa... Bem sei, q̃ o trato dos campos tornou rude e selvagem o Mouro, q̃ não pode captivar corações... bem sei, o q̃ eu sou... E então, Pesaro, ha um mancebo, bello, nobre, digno de ser amado p.r ella... prende-lhe o seo coração... eu seria capaz de elevar-me... á altura... do sacrificio...

Pesaro

Talvêz q̃ tu hajas mister essa grandeza, amigo! Ella é nobre - deve ter o orgulho da raça - a soberba do seo sangue; e depois... - perdôa, é mulher, e o coração das mulheres é como a nuvem diante de ventos contrarios... lembra-te, Othelo, q̃ aquelle coração é ainda moço p.a comprehender o teo sentim.to sem limites... lembra-te q̃ o seo peito se confrange diante das iras de seo pae...

Othelo

Será assim (pausa) Más... Pesaro, não me arranques esta ultima esperança... não me queiras matar esta ultima illusão... Edelmune! Oh! é impossivel!.. O anjo não pode trahir o Affricano... Não, Pesaro, - prim.ro duvidaria de todos os homens... da m.a honra... e até - elle me perdôe a blasfemia - duvidaria de Deos...

Pesaro

Assim será... talvêz, o seo procedim.to neste dia funesto...

Othelo

Pesaro! p.a q̃ essas duvidas sempre?.. falla... falla...

Pesaro

A m.a amisade é cautellosa e desconfiada... amigo vê se podes descubrir pelos seos olhos o intimo do seo coração... Porventura, observas, q̃ ella não tolêra as tuas vistas fixas e penetrantes?...

Othelo

Talvêz não... más Pesaro, q̃ mulher ha ahi, virgem, casta, d'innocencia, q̃ não abaixe os olhos diante do homem a q.m deo o coração? far-lhe-hei do pejo um crime?

Pesaro

Não ~~tu [illegible]~~ recordas, pois, de nada, q̃ te faça receiar?

Othelo

Amigo!.. espera..

Pesaro Iago

Diz desabafo

Othelo

Qdo eu subia os eradas do altar, radiante de felicid.e, cravei os olhos na sua fronte lisa e branca como os lirios da Arabia, e — meo Deos! o diadema, de q̃ a cingira o meo amor, como a corôa da ventura, não estava lá... empallideci pela affronta, e então vi a confusão, o temor convulsivo q̃ a dominava... vi as nuvens de tristeza q̃ lhe carregavão a frente... vi tudo... q̃ aquelle desamor me vendara os olhos... e depois, Pesaro, por q̃ me não falla ella d'esse mancebo?

affligi

Pesaro

Charo Othelo... os ciumes são um tormento do inferno...

Othelo

Sim, um tormento vil... Pesaro, crês q̃ esse mancebo, q̃ me queria roubar Edelmune, era o m.mo q̃ nós vimos? — raptar

Pesaro

Tremes, Othelo?...

Othelo

Falla, estou tranquillo... Será elle?

Pesaro

Assim o creio...

Othelo

Estou tranquillo, Pesaro, estou tranquillo... q̃ a alma do filho da Africa é tão g.de, q̃ ainda é superior a uma dôr, q̃ se possa medir pelo infinito... Oh! melhor fora a esse homem soffrer os tormentos todos do inferno, q̃ querer roubar ao mouro o amor d'essa mulher... O Tygre não defenderia no fojo com mais raiva os filhos q̃ a natureza lhes ensinou a amar. A panthéra da m.a patria, q.do esfomeada, e enraivecida, não despedaçaria com m.s furia os cornestepidos dos seus victimos. Oh! q̃ esse homem nem sonhe amar a mulher, q̃ Othelo ama... terrivel

Pesaro

Tu me fazes tremer!...

Othelo

Que tome conta na sua alma, q̃ o corpo lhe rasgarei eu... Othelo! Othelo! a 1.a palavra q̃ te ensinarão a pronunciar moradiros, é uma palavra forte, vigorosa, cheia de melodia, p.r os ouvidos do Africano... p.r q̃ essa palavra resume um g.de pensam.to, o desforço da traição... e sabes qual é essa palavra, Pesaro, a vingança!

captiva

Pesaro

Pobre Edelmone... Este homem feroz é até capaz de derramar teo sangue...

Othelo

Pesaro… Oh! isso nunca… nunca…

Pesaro

Othelo toma conta tu, tãobem… não esqueças q. essa mulher te pôz aos pes a sua corôa de bellesa, a sua innocencia… Não esqueças os excessos q ella commetteo p.ª ti… Cem nobres, dos mais nobres de Veneza quiserão o seo amor, e ella os repellio; p.ª ti deixou o pai q a idolatrava, affrontou o mundo e a sua opinião. Eu penso como tu, q deves ter cautella, zellar a tua honra, mâs da suspeita á realidade ha um abismo… Não te precipites na vingança; p.ª q a vingança cumprida é o irreparavel, e o irreparavel só pertence a Deos! Quem te diz q ella ama esse homem, p.ª q esse homem talvez a ame? Quem te diz q o diadema, q tu lhe déste não lhe esqueceo, ou deixou de levar p.ª timidêz? Othelo, em breve as galeras de Veneza irão mâr em fóra esteira d'Asia… leva-a comtigo, e lá, depois de unido com ella, colar Othelo com a fama de tuas victorias… Irei comtigo, irmão… mâs se, antes de partir, o infame assomar a meus olhos, eu te vingarei. (sáe)

Scena 2ª

Othelo (só)

Que felicidade não é ter um amigo, q nos ame do fundo do coração! Sempre humilde, sempre respeitoso, sempre abnegando diante de mim todas as suas aspirações, sempre leal, é o melhor dos amigos… Oh! Pesaro! Pesaro! como eu te amo, e ás vezes… Deos me perdoe! até delle tenho ciumes. Q.do elle há pouco defendia Edelmune, parecia-me ver-lhe nos olhos e no semblante uma dôr tão immensa, q só me parecia poder vir d'um coração q ama… mâs não, não… é impossivel, Pesaro, perdôa, desculpa esta paixão q é immensa, eu bem sei, q se tu defendes a mulher q eu amo, é p.ª q lês nos seos olhos os sentim.tos do seo coração… a sua innocencia… Sim, seguirei o teo conselho, leval-a-hei p.ª outros climas, e lá, Edelmune, tu me seguirás tãobem! mâs eil-a q chega…

Scena 3ª

Othelo, Edelmune, e Ermance

Othelo

Vós me buscaes, Snr.ª?

Edelmune

Decerto. Mâs não p.ª nutrir esta m.ª alma de fogo, em q ella se abrasa p.ª vós! Sabe o Ceo como n'ella estão gravadas as feições d'Othelo, mâs vós sois o meu unico esteio neste mundo, o meu lugar é a vosso lado

Othelo

Em boa hora vindes, Snra., tenho a pedir-vos uma graça. merce

Edelmone

Ah! Othelo, fallae.

Othelo

Acabarão os susto de Venesa, os rebeldes deporerão as armas, agora a Patria chama-me alem dos mares; a honra, o dever, tudo me obriga a partir, partirei pois... mâs sem vós não posso... as Náos estão prestes. Vinde — esperão

Edelmone

Se vós ao menos tivesseis o nome de esposo?..

Othelo

Sel-o-hei em breve, Snra. dever

Edelmune

Ouvi-me, Othelo, não me importa affrontar as procellas, e os mares! não me importa affrontar a morte, q.do esteja a vosso lado, q diante d'amor tudo se calla... Mâs meo pai! meo pobre pae!.. succumbirá á dôr: e talvêz no cadafalso pagar o crime de q eu fui causa... e não serai eu parricida? Othelo, um raio d'esperança me anima ainda; pareceo-me q o Doge se ~~[illegible]~~ enternecia por mim, talvêz q se se correste a procural-o sensivel daria perdão d'um Pae, q adoro!

Othelo

Não, Snra., não posso demorar-me p.r mais tempo; houve hoje q.m quizesse arrancar ao tygre os filhos, q tinha pendentes do proprio seio. rethoj

Edelmone

Vós, Snr., não me negareis esta graça, é a prim.ra, q vos peço.

Othelo

Perdoae se... mas

Edelmune

Eu vol-o peço p.lo nosso amor, p.la nossa pura affeição.

Othelo

Snra., não conheceis q.to podem vossos encantos sobre mim! essas falles melodiosas, como o murmurio dos ribeiros, q correm entre os areaes da m.a Patria. ~~Ermance~~ bellesa

Ermance

Ah! Edelmune não conhece nem sabe q.l seja o brilho de sua belleza, ella é toda innocencia e amor, ella vos entrega toda a sua alma, todo o seo coração, e vós inda lhe negaes a graça q tem p.r motivo, um amor de filha extremosa?

Othelo

Basta, Ermance, se eu ouso resistir-lhe, é com pesar intimo, mâs é mister q a vóz do coração se calle diante dos brados de Venesa,

unicos rivaes q̃ Edelmune tem. Eu conheço como são terminantes os mandados do Senado.

prudencia

Edelmune

Ai de mim! (chora)

Ermance (ap.te)

Em q̃ estado elle a submerge! (alto a Othelo) Sequereis rasgar-lhe a alma atribulada, teimaes em negar-lhe esta graça? Ai de mim, eis aqui os dir.tos q̃ ella tem ao vosso amor!..

Othelo

Ermance!

Ermance

Othelo, ella se torna pallida!

Edelmune

Oh! meu pae! meu pae! (deixa-se cair sobre uma cad.ra)

Othelo

Edelmune! Edelmune!

Ermance

Snr! vós sois o seo unico asylo, o seo unico apoio, vós seo esposo... seo pa... tende dó d'ella, q̃ ahi se fina no soffrim.to q̃ a espreminha! não vede, como elhas sombras fugerão rapidas! olhae s.r aquelles doces olhos, com q̃ doçura vos procurão! com tanto amor! tão sem odio!..

Edelmune

Não, eu não posso odiar-vos, m.a alma já mais se poderá irar contra vós! primr.o q̃ eu podesse causar-vos um pesar, quereria mil vezes a morte! (lança-se-lhe aos pés com transporte)

Othelo

Oh! Edelmune! perdôa! não chores, q̃ essas tuas lagrimas me escaldão o coração! o Mouro aprendeo na verdura dos campos estes transportes, esta raiva, q̃ tu ouves tremendo, este meu sangue Africano borbulha até romper as vêas, más o meu coração é bom, é simples como o d'um infante. Anjo, bafeja o meu coração d'esse ar de innocencia q̃ Deos te deo!.. (ajoelha) q̃ o brilho de teus olhos me fascina a alma, q̃ tu sejas o meu anjo no mundo, embora ás vezes no peito me entre a duvida... amanhã, q.do o Sol enundar os horicontes de raios de luz, vae cumprir teus deveres de filha; falla ao Doge...

medo

Edelmune

Meu Othelo! como és bom! não receies deste meu amor, deste meu fogo, q̃ nem todas as aguas do mar serião bastantes p.a o apagar a tua imagem está sempre em meu coração a par do pensam.to de Deos. tu resumes todos os meus sonhos d'infancia, completas todas as m.as crenças no futuro! Othelo não receies de mim. (vae-se com Ermance)

Scena 4.ª

— Othelo (só) —

Oh! meo Deus! q̃ ha ahi n'essa natureza q̃ seja tão bello? Que creatura de D.s se approxima d'aquella virtude? Mal haja q̃m tem falla má, nodoa p.ª lançar naquella innocencia! Ai do homem q̃ se atrevesse a soltar uma palavra contra ella; q̃ essa palavra lhe afogaria eu em sangue.

Scena 5.ª

— Othelo e Pesaro —

Othelo

Eis q̃ volta Pesaro! Que sombras lhe toldão as vistas sempre tão d'amigo! Que morno silencio lhe diviso no semblante! como vem pensativo e triste!

Pesaro

Othelo! és forte; sabes soffrer?

Othelo

Falla!

Pesaro

Ouvirás uma g.de desgraça sem q̃ tremas?

Othelo

Sou homem!

Pesaro

A tua amante... Edelmone... ella é... Eu tremo!...

Othelo

Uma só palavra!...

Pesaro

Atraiçôa-te!..

Othelo

A prova? a prova? p.r q̃ essa tua palavra deve ser uma sentença de morte p.ª qualquer de nós treis.

Pesaro

Que seja como dizes! a m.ª amizade perdôa á tua paixão essa palavra inesperada q̃ proferes. Pesaro não te podia enganar. Sim eu não: esse homem, q̃ calcou aos pés o̅ teo amor, affrontei-lhe as faces... e dep.s corremos ao combate. Prostrado, coberto de sangue, confessou o crime d'Edelmone, e a tua vergonha! Arranquei-lhe este diadema, com q̃ ornaste a fronte da virgem innocente... e este bilhete, q̃ prova sobretudo a sua cumplicid.e! Lê, Othelo, e dep.s diz-me-tras q̃m é o traidor!

Othelo (lendo com desdem)

"Meo pae. Tenho-vos ultrajado m.to É tempo de me perdoar — des-renuncio a Othelo. Dae-me um esposo de vossa escolha. Edelmone —" (continua) Seja assim.—

Pesaro

Amigo, és sempre o meo Othelo! tão g.de e sublime na desgraça, como humilde na ventura! nos teus olhos não diviso nem furor nem odio!

Othelo (com o m.mo socego)

Decerto, Pesaro; nunca ouviste fallar d'esses vulcões, q. só revolvem no seo abysmo os fogos q. lá pôz a mão de Deos, em q.to q. na campina, q. os cobre, vegeta o lyrio e a roza dos campos?! Pesaro, o meo coração e o meo semblante são como a campina do Vulcão! Ai dos homens a hora da erupção! Amigo! a tua patria inda carece do meo braço, q. eu lhe tenho dedicado, p. q. ella foi sempre m.a mãe; mas agora tornou-se debil, como o d'uma creança; não poderá levantar o montante... é preciso q. outro guerreiro venha tomar o logar d'Othelo, e esse guerreiro serás tu.

Pesaro

Eu! q. proferes?!

Othelo

Sim, serás tu! p. q. Othelo succumbio á dôr! seo coração morreo p.a as g.des aspirações... toda essa grandeza vio elle atravez d'um prisma de fogo, mas esse prisma bafejou-o o demonio! Agora já não quero a gloria... já não me importão os brios, p. q. os brios forão encerrados no m.mo tumulo, em q. jazem as folhas secas da m.a esperança! — São castigos de Deos! Quem te mandou a ti Mouro levantar a planta imprudente, esmigalhar a ventura d'esse nobre ancião, q. te idolatrava? Quem te mandou erguer os olhos p.a a filha illustre do Senador de Veneza, sem te lembrares q. creado no meio do deserto, não tinhas aprendido a traição e a infamia dos salões dourados! Othelo! deves morrer! cumprio-se o teo destino!.. Pesaro, toma esta facha e este bilhete, e entrega-o á filha d'Odalberto, e não lhe falles de mim! q. a lembrança do Mouro poderia perturbar-lhe a felicid.e!.. Em q.to a mim ir-me-hei abraçar com a morte, q. será essa a unica q. me não atraiçoará!.. Talvez q. no fundo do tumulo encontre a pàz. Amigo! uma lembrança se apoderou da mente... ella talvez será de m.a inepcia... está gozar nos braços do seo amante os prazeres impudicos, q. amava... Mas q. loucura é esta, meo Deos!.. Tu amigo, já satisfizeste p.te da m.a vingança; mas não basta! quero com meos olhos sofregos devorar essas carnes ensanguentadas!.. aspirar-lhe os fumos do sangue, vel-o estorcer-se na ultima agonia; e q. ella fuja de lá; q. não vá chorar no cadaver do infame; p. q. talvez a cegueira da raiva poderia fazer de Othelo um assassino... Ah! Othelo! Othelo! como te obsecção esses transportes!.. guarda o teo valor p.a as com

bater... Inda retumbão em meus ouvidos as solemnes palavras de seo pae "guarda-a te digo eu, que como me atraiçoou a mim, tãobem te pode atraiçoar"!

Peraro

E' certo...

Othelo

Oh! q̃ me custa a crêr n'essa traição immensa! q̃ fingim.to! q̃ lagrimas tão vis!... Oh! Peraro, não haverá esperança alguma?!...

Peraro

Este escripto... este diadema...

Othelo

Que não houvesse uma espada, q̃ me atravessasse o peito no campo da batalha; uma onda q̃ me desse um tumulo nas solidões do Oceano!..

Peraro

Infeliz!..

Othelo

Mulher! como és infame! Tu insinuaste no coração do homem, até levantares té teo throno! e desp.s, ai do escravo! calcas-lhe aos pés a cabeça, atraiçoa-lo, escarnecel-o rindo-te da sua inepcia p.r q̃ se deixou illudir... Ah! Edelmune!...

Peraro

Ainda podeis pronunciar tal nome?!..

Othelo

Ah! Peraro! não, esse nome está gravado com charactéres de fogo, q̃ só o sopro da morte pode apagar.

Scena 6a

Os m.mos e Edelmune

Edelmune

Snr! q̃ voses são estas, tão violentas, q̃ acordão as abobedas deste palacio? como, Othelo? q̃ é o q̃ vos agita, q̃ vos faz tremer tanto?

Othelo

Nada!..

Edelmune

Mas, Snr, vós occultaes-me alguma couza! não serei eu digna de vossa confiança?

Othelo (com ironia)

Decerto, Snr.a! vós sois o anjo, a q.m depus aos pés toda a riqueza de m.a alma. Sim, Snr.a; vós tereis sempre toda a m.a confiança.

Edelmune

Que agitação vos domina, Snr! d'onde procede ella?

Othelo

E' q̃ este corpo está cançado pelos trabalhos; e q̃ esta alma es-
tá envelhecida pelas paixões; e corpo e alma demandão re-
pouso e descanço; q̃, viva Deos! ha de ser longo...

Edelmone

Sur! ~~vós me fazeis soffrer horrivelm.te! q̃ tendes? q̃ pena vos fez succumbir?~~ que tendes! que magoa tamanha vos affige?

Othelo — Agradando-me em compaixão

~~E', q̃, tal vêr, Edelmone! meu amor! estava ancioso p.a vos contemplar esse rosto formoso!...~~

Edelmone

Meu Deus! q̃ tormento! q̃ tortura! vós soffreis m.to, meu coração

Othelo

Socegae, innocente e pudibunda virgem! socegae, não se per-
turbe esse vosso peito, nem vos cubrão os véos da pallidez esse
rosto formoso, incapaz d'occultar huma alma infame! (sáe)

Scena 7.a

Edelmone (só)

~~Ceus! q̃ socego aquelle! q̃ fronte negra e enluctada, como um
céo de tempestade! Oh! meu Deos! q̃ soffrim.to será aquelle?
em q̃ lucta se revolverá aquelle coração?!.. e não o querer con-
fiar á sua Edelmone!.. Ai de ti desgraçada q̃ é teo fado
soffrer no mundo!..~~

Tende pied.e de mim, meu D.s (cáe de joelhos)

cod. 13446

Fim do 2.o acto

CaD. 13446

Ottavio

Acto 5.º

H - 17 343 54

Acto 5º

Scena 1ª

– Edelmune (só) –

O somno opprime as minhas palpebras, e meos olhos em vão procurão fixar o palacio de meo pai! Oh! meo Deos! eis-me só... donde vim eu? Um terror convulso se apodera de mim... gella o meo sangue... só presentimentos lugubres penetrão o seio da minha alma... Apenas transpuz os umbraes desta triste mansão, pallida, cheia de temor, estive quasi ~~a deixar-me cahir no chão~~ a perder os sentidos... Seria, por ventura ~~isto~~ o presagio de nunca mais sair daqui?! Morrer!.. morrer... tão joven! tão cheia de esperanças... Quem se dirige para aqui? (tremendo involuntariamente)

Scena 2ª

– Edelmune, e Ermance –

Ermance

Sou eu, Snrª; Meo Deos! que pallidêz, que terror se apoderou de vós, minha filha! acaso receiaes Othelo?

Edelmune

Não... Não temo, temo o meo destino...

Ermance

O seo ár, o seo rosto, a sua linguagem, parecco-vos o annuncio d'alguma grande cathastrophe.

Edelmune

Ah! Ermance! quando me lembro daquellas fallas d'Othelo... treme até a medulla dos ossos... só me fallou de um longo repouso, de tumulos, em que acabão os nossos pesares do mundo... Oh! não te posso narrar o que elle me disse...

Ermance

Más não lhe lestes nos olhos os seos pensamentos?

Edelmune

Ai! os seos olhos, quando se fixavão nos meos, exprimião... Oh! nem eu sei bem... erão 2 livros era de raivas concentrada, de desprezo, e depois... um sorriso que lhe deslisou pelos labios... frio! sarcastico!.. terrivel!...

Ermance

Oh! que será?!

Edelmune (com profunda dôr)

Hoje contão-se 10 annos, que morreo minha pobre mãe... e esse é o meo dia fatal ~~negro~~, o dia que está marcado com uma lembrança ~~pedra negra~~ funesta. Deos queira que eu o não marque com sangue...

Ermance

~~Snrª Snrª~~ vos abandoneis á dor...

Edelmune

Que dia!... q dia!...

Ermance

Snrª!...

Edelmune

Uma alampada fatal, q derrama frouxos brilhos sobre o rosto cadaverico de mª mãe... um aposento escuro!.. um Crucifixo..!.. o seo respirar de agonia entrecortado de ~~soluços~~ stertores... Oh! meo Deos! ~~eu vejo~~ tudo... parece-me estar vendo

Ermance

Que dôr!...

Edelmune

Minha mãe não sabia q o anjo da morte lhe batia ás portas do coração...

Ermance indo

Snrª, tende esperança... a sepultura não é pª vós, tão cheia de belleza, e de vida... tão nascida pª o amor...

Edelmune

De repente soltou as tremendas palavras, q ainda retumbão nos meus ouvidos... tristes, lugubres, q me tornarão os cabellos hirtos, os membros convulsos... Morrerás...

Ermance

Snrª!...

Edelmune

Tudo, sim, tudo acabou pª mim...

Ermance

Minha filha, Deos tãobem destinou pª a creatura horas de prova... todos nascemos pª, alem de gozar, tãobem soffrer... mâs, Snrª, nem sempre durará a atribulação...

Edelmune

Oh! q palavras! q terriveis palavras! Morrerás!.. morrerás!.

Ermance

Sempre esse grito... Snrª! estaes horrorizada!..

Edelmune

Acaso penses q, no meio do seo furor, Othelo se atreva a derramar o meo sangue?

Ermance

Não sei... mâs tremo pª vós...

Edelmune

Elle não é cruel..

Ermance

É verdª... mâs no seo coração arde o fogo dos ciumes!. Oh! mª filha estaes á borda d'um precipicio...

Edelmune

Eu não posso acreditar q̃ elle me tenha odio.

Ermance

Sem duvida; mas q̃m. se sesterá arrebatado pelo ciume?

Edelmune

Oh! meo Deos! q̃m. se poderá confiar d'esse modo no amor?..

Ermance

Elle produz ás vezes crimes e desgraças...

Edelmune

~~Agora~~ 2 me lembra a historia da pobre Isaure... de Isaure tão bella como desditora!.. Isaure era joven, e amava m.to do coração; mas seo amante bebeo o fel do ciume; e ella a desventurada, cercada de dôres pungentes ia sentar-se á sombra d'um salgueiro, chorava as suas magoas, mandava aos echos dos bosques o seo canto sentido... bem sentido, p.r q̃ era regado com agua, q̃ o coração vertia... Ermance, quero vêr se o canto me faz espalhar estas magoas... ~~alem disso, o canto pungente é o amigo dos q̃ soffrem... Anda cá tu, meo instrum.to, unirás os teus sons tristes, aos accentos lugubres, de Edelmune.~~ (toma a guitarra)

2 que Eu quero este amigo do meu pe~~Ermance~~nar solitario

1 & ~~Senhora~~ casar minha vós aos sons melancholico, deste instru

Ern.ª* ~~Cantae~~, ~~Snr.ª~~, ~~Cantae~~. ~~Vós ~~augmentar mais~~ vossas penas~~

Edelmune

Tudo está silencioso... tudo dorme... Vae, meo canto da solidão... vae, a vêr se as m.as dores tãobem fogem com tigo; e tu, Ermance, escuta a m.a vóz, q̃ talvêz seja a ultima vêz, q̃ tu ouças o meo canto de amargura e dôr... (canta o Romance) (e acabando sente ruido de vento) Oh! Ceos! donde provem este ruido?..

Ermance

~~É a tempestade!~~ *..

* Erm — não ouvir a tempestade medonha que vai lá fora? parece isto um mão presagio

* Oh não canteis senhora que isso vos amarguraria inda mais

Edelmune

Valha-me a Santa Virgem! esta noite será cruel.. Começa a torm.ta no ceo!

Ermance

Eu começo a tremer.. Saiâmos destes logares... parece-me ser Deos, q̃ vos falla pelos meos labios..

Edelmune

Não.. não sahirei..

Ermance

Oh! Snr.ª, acompanhae-me!..

Edelmune

Ermance, q̃ lugar buscarias tu p.r me abrigar, q̃do eu deixei meo pae e a virtude?..

Ermance

Longe de vós tal ~~lembrança~~!.. ideia....

Edelmune

E sei eu o q̃ se passa no coração d'Othelo? Se o ciume arder em seu ~~coração~~ ção... ha-de prescrutar os meos passos; e a mª fuga criminosa augmentar-lhe-hia a raiva... Ermance, recolhe-te, vae descançar...

Ermance

Deixar-vos, Snrª! ai! as lagrimas não me deixarão cerrar os olhos...

Edelmune

Eu o quero..

Ermance

Oh! Snrª, q.to me custa deixar-vos! Em q̃ logar, meo Deos! em q̃ logar!

Edelmune

Adeus, Ermance; adeus, querida amiga!

Scena 3ª

Edelmune (só)

O amor sempre me aviva n'alma a candida ternura de mª mãe.. (ajoelha ao pé do leito) Meo Deos! volve os teus olhos paternaes p.ª o mundo, digna-te mitigar o rigor da sorte de meo pai.. permitte q̃ ainda eu possa beijar-lhe as venerandas cãas... Senhor! illuminae a razão do meo amado Othelo; q̃ Pérare lhe leve ao coração a sãa virtude de q̃ vós o dotaste! Deos! O' Deos! vejo com horror o crime q̃ commetti; porem a tua infinita bondade me perdôe! Ah! não me punas tanto, q̃ o meo crime foi filho da mª ~~fraqueza~~... O somno quer, apesar meo, cerrar as mªs palpebras, (assenta-se no leito) e adormecer os meos sentidos.. Farei, Senhor, q̃ elle derrame o balsamo consolador do descanço nos meos membros fatigados pela dor!- ah! meo Deos! meo Déos! (adormece)

Scena 4ª

Othelo e Edelmune

Othelo

E' mister q̃ eu calque ~~aos pés~~ no fundo do peito esta raiva; p.ª sabe o inferno, onde ella me levará.. tu não has-de morrer.. Oh! q.to ainda és bella a meos olhos encantados!.. Como te enche de mysterios e bella esta luz frouxa e limpida!.. Como pura e suavem.te arqueja o seo peito virginal.. virginal! ah! ah! ah! (ri-se) Um encanto poderoso me arrasta p.ª ella... inda desejava derramar todo este meo sangue p.ª esse amor.. e ir n'um carcere negro, medonho.. n'um abysmo solitario... sem soccorro... arrostar, como um reptil, meos tristes dias! Oh!.. mas ver atraiçoar, com tanta maldade, tão vilm.te, um amor tão q.de! Othelo! coragem! astucia! vejamos até onde essa mulher leva a perfidia e a mentira... Descança, infame, q̃ bem demorsos tuos q̃ te atribulem... descança, q̃ eu hei-de opprimir a tua alma com o peso do teu crime... Mas p.ª q.? eu bem conheço a

Scena 4ª

Othelo e Hedelmona adormecida

Othelo – O meu furor, talvez seria capáz de me arrebatar demasiado! e eu quero sopeal-o. Não! juro que a não matarei!.. como esta luz frouxa a cerca de misterios e d'encantos! com que suave respiração a ouço dormir. Um poder magico m'átrahe p.ª ellá ainda. Ai este sangue que tu mesma envenenaste no meu coração, correria todo p.ª ti. Eu arrastaria os negros dias da minha vida inteira, no fundo d'esses carceres medonhos, e abismos solitarios, onde Veneza sepulta as suas victimas, sem soltar um só queixume. Sofreria com resignação as mais barbaras torturas; mas ver trair o meu afecto d'um modo tão horrivel..... usemos tambem d'astucia, vejamos athe que ponto, a perfida leva o descaro e a mentira.. Mas p.ª que heide confundir a perjura com o sencrime se a minha desgraça é certa e conheço bem a minha injuria? esqueçamos tudo e morramos

Hedel – (Acorda espavorida)
Que vejo? sois vos Othelo?

Othe – Tranquilisai-vos.

Hedel – Perdoai o meu espanto; que vos obriga a taes deshoras a vir procurar o meu retiro?

Oth. – Sentindo-me agitado, vim procurar junto de vós algum repouso e tranquilidade.

Hed – Ah Senhor que pode perturbar-vos?

Oth – O amor arrasta quasi sempre apos si algumas suspeitas –

Had – Duvidaes do meu amor?

Oth – Eu não.

Hede – Hesitaes?

Oth. – Hedelmona!

Hed – Othello!

Oth – (a parte) Não sei que lhe heide dizer?

6

Hed.– Ouvi-me meu amigo! talvez que os vossos olhos pro-
curem na minha fronte o diadema de que o vosso
amor me adornou? Eu não quero que elle me ser-
visse p.a me aformozear, mas sim p.a salvar os tris-
tes dias de meu pai. Depositei-o nas mãos d'um man-
cebo de Veneza. ~~Othelo~~

Oth.– Um mancebo!! como se chama elle?

Hed. Loridan.

Oth. (Que misterio) O Filho do Doge? Oh Deus bem sabe que eu
não sou cioso, mas dizei-me, nunca amastes esse manc-
ebo?

Hed.– Eu! Eu! amallo?

Oth. Mas elle talvez é que vos ama?

Hed.– É certo; ~~elle me ama~~ mas eu lamento-o.

Oth.– E se elle se apresentasse como rival meu?

Hed. Eu só quero ~~que~~ o coração d'Othelo.

Oth. Então amas-me?

Hed. Escuta amigo; ~~[illegible]~~ acima dos homens há um en-
te que pune a infamia, Othelo, elle me de um
remorso infernal, incessante, immenso; faça ca-
hir sobre minha cabeça todos os tormentos da
sua cholera, se eu jamais esqueci o nosso amor.
O ceu afaste p.a longe de mim o perdão de meu
pai.

Oth.– O ceu deve armar contra ti a colera de seu pai
e mostrar á natureza inteira a mais vil hipo-
crisia do mais falso de todos os corações.
Sim da tua alma que zombou de fé, de ju-
ramentos, e que he capáz de todos os crimes...
monstro!

Hed. Oh Ceos que oiço que horriveis expressões!!

Oth. Toma, lê este billete e vê se te extraço. Reco-
nheces essa assignatura?

Hedel.– Oh minha coragem onde estás?

Oth.– Ainda falarás de virtudes? imaginarás mais algum
artificio? Lê

Hed.– Oh Ceos!

Oth. Lê. O teu supplicio está ahi

Hed.– (Lendo) Meu Pai conheço que vos ultrajei, e p.r
isso renuncio o himeneu d'Othelo. Oxalá que o meu
arrependim.to possa abrandar vossa ira, e acolher

agora senhor, elegei vós um esposo

Oth. Que tendes a responder a estas palavras?

Hed. Tudo a um tempo m'opprime.

Oth. E cobre d'opprobrio. Bem, olha p.ª mim, conheces me?

Hed. Já não vejo em vós o meu amante nem o meu esposo. Só vejo a morte. Oh desgraçada eis cumpridos os agouros de meu pai. (chora)

Oth. Fizeste oração a Deos, antes que o somno cerrasse as vossas palpebras?

Hed. Orei por vós.

Oth. Esperarei aqui mesmo vamos.

Hed. Oh que quereis dizerme Senhor?

Oth. Preparate.

Hed. Para que?

Oth. Este punhal to dirá.

Hed. (dando um grito) Para mim oh Deos!!

Oth. Silencio, preparate que se trata da tua alma.

Hed. Othelo! Othelo! prostrado...

Oth. Não, tu vais morrer.

Hed. Senhor a morte? Oh! não não, juro te que nunca, nunca,...

Oth. Oh mostrate innocente que todo o sangue do meu coração é teu. Dizeme, Rodam...

Hed. Não o posso negar elle ainda se abrazava d'amor por mim.

Oth. Oh tormento! porque razão desprezavas o meu amor nessa carta? Não deixavas perceber assim que pelo menos desejavas unir te a elle?

Hed. Não. Não. Um dia meu pai entrou derepente neste palacio bradando, assigna este papel. ~~succumbirei~~ a teus pés trespassado de golpes de punhal. eu assignei

Oth. Sem ler?

71

Hed — Sim seu bv. Depois unio a mão de Loridan á minha, opuzme; Oh Deos ainda accendio mais a vossa cholera! não me ouvir? Amaz?

Oth — Pelo contrario continua.

Hed — Por nomme a entregar este bilhete cheio de raiva.

Oth — E depois?..

Hed — Deio a Loridan!

Oth Oh raiva? P.ª que com que fim?

Hed — Afim de que ...

Oth. Prosegue.

Hed — Seu pai assim illudido podesse salvar o meu.

Oth — E enganasteo com esse ardil?

Hed — Oh Deos sabe que foi o primeiro da minha vida.

Oth — E era sem esperança que elle auxiliava teus intentos!

Hed — Sem esperança.

Oth. Percebo. Mas se esse heroe tão gentil que ma mascara disfarça, concertasse com tigo o plano d'um rapto? Com bastante cuidado que vias ver o Doge P.ª o informar de teus novos projectos; eis ahi a razão P.ª que á pouco occultando-me tua infamia, o teu coração tremia á idea de deixares Veneza; mas o ceu usou d'um novo meio P.ª te punir. Olha eis aqui o teu diadema, e eis ahi o teu bilhete que acabo de receber das mãos de Pezaro.

Hed — Meu Deos.. do teu Amigo Pezaro? então estou salva e meu pai tambem.

Oth Sim foi de Loridan que elle os houve, mas depois de lhe ter atravessado o corpo com mil golpes e deixalo estendido a seus pes envolto no seu proprio sangue.

Hed.- Matarão-no!
Oth.- Choras p. elle?
Hed.- Ceos que escuto!
Oth.- Pranteias na mocidade attractiva?
Hed.- Perdão! Perdão!
Oth.- Que dizes perfida?!
Hed.- Chorando o seu fado, rendo homenagem á sua virtude. Elle estava innocente.
Oth.- Um traidor que eu abomino!
Hed.- Sim innocente ainda o repito.
Oth.- Vês este punhal?
Hed.- Vejo, mas ainda vendo a proxima morte heide defender a innocencia.
Oth.- A innocencia?!
Hed.- Sim eu o juro p. Deos, p. ti, mesmo com o teu punhal erguido sobre mim.
Oth.- (ferindo-a com o punhal) Pois então morre.
Hed.- (Da alguns passos e diz) Meu P.e! Minha Mãi! (cae morta)

Oth.- Eis o que seria convencendo a Sociedade e punindo o seu amor. Nunca pensei que se podesse levar tão longe a apostema com tão pouca idade. Esperto do crime sem duvida, era preciso conter na alma toda a maldade de Venena p. cometer tal horror - A conspiração toda desta; não era muito culpada. Esse bilhete e esse diadema essa execravel associação de certo exasperarão meu coração já irritado e eu não me arrependo da minha vingança. Mas para onde irei agora?

— Á volta charo Pesaro vem como lava minha
alma, ~~esta~~ acção foi de barbaro, eu deveria
ter-lhe perdoado; uma mulher;... uma crean
ça.... E que motivo começa de sobresaltarse
o meu coração? ella está ali, olhemos; Immo
vel, como um tumulo.... occultemos este es
pettaculo medonho... Quem vem ali?

Scena 5ª Othelo e Ermenio

Erm — Senhor Prenderão Pesaro, dizem que lhe im
putão crimes gravissimos; os espiões do es
tado conseguirão descobrir seus projectos

Scena 6ª Os mesmos — Lordam ~~Ot~~
Odalberto Officiaes que trazem lu
zes

Lordam — Othelo eis-me aqui.. Lordam é vivo a
inda

Othelo — Como?

Lord — Othelo ~~Ser~~ Pesaro era o vosso ~~I~~ maior i
nimigo ~~A~~ amava Edelmona, mas occultava
a sua infame paixão no fundo do pei
to pª deixar amadurecer seus projectos.
Foi elle que vos quiz hoje arrebatar do
altar; e como eu o julgava o vosso maior
amigo entreguei-lhe um diadema e
um bilhete pª que elle o restituisse a
Edelmona occultamente. O monstro fin
giu a minha morte e servio-se desses
objectos como instrumentos de perfidia
afim ~~de travar~~ conseguir irritar os vossos
ciumes e perder-vos a ambos já que vos não
podia roubar Edelmona.

Oth — Meu Deos!

Lordain — Eu fui o vosso rival, mas fiz com que Odalberto vos perdoasse. Elle he sensivel e o Senado lhe perdoa, que Odalberto olvidou acerca do seu odio. Othelo Desdemona será vossa, e vós deveis a Lordan. Amaia e agradecei ao Ceo que vos desviou do abismo onde vos ieis precipitar

Oth — Que he o que dissestes?!

Lordan — Fallae —

Erm — Donde provem este silencio?

Odal — Onde está minha filha?

Othello — Está dormindo, está dormindo, não a acordeis

Erman — (Corre ao leito e volta espavorida) Agora comprehendo tudo sancto Deos!

Oth — Para onde eide fugir? onde estou eu? Desdemona! Desdemona)

Lord — Scena terrivel!, tantas virtudes! tantos encantos!

Odal — Ah! desgraçada! eu fui o teu algoz!! Ah!

Oth — Morta! Morta! e fui eu que a arremessei ao tumulo, terna e doce victima! O furios! arrancai-me esta odiosa vida Meus amigos tende dó dos meus infortunios deixai-me abraçar o teu corpo que eu vou ja unir nossas almas (fere-se)

Ah! eu morro.

Fim do Drama

12

COD. 13446

BIBLIOTECA NACIONAL